

“PINGA FOGO”

SOBRE

MAÇONARIA

Há alguns anos fez muito sucesso na televisão um programa de entrevistas com esse título. Uma personalidade era convidada para responder a perguntas sem o conhecimento prévio do conteúdo destas, porém todas dentro do campo de sua atividade ou especialidade. As perguntas pareciam, e provavelmente eram, espontâneas e não programadas, formuladas por participantes com interesse no assunto. Um caloroso debate se estabelecia mantendo vivo o interesse e que sempre terminava com o esgotamento do tempo previsto e não pelo esgotamento da matéria.

Não me lembro quando, três professores de história, de uma escola secundária, convidaram-me para falar sobre a participação da Maçonaria na Independência do nosso país aos seus alunos reunidos em auditório. Foram três horas-aula, sem recreio, de “pinga fogo” quando o assunto em nossa comunidade ainda era tido como um tabu, inconveniente, inaceitável até para debate público. Fiquei impressionado com o bom comportamento de uns 150 adolescentes, normalmente inquietos em aula. Gostaram eles, gostei eu dessa primeira experiência, pois senti-me capaz de responder sem evasivas e corresponder ao que de mim esperavam ouvir.

Seguiram-se outros “pinga-fogos” com estudantes secundários, com universitários, com esposas de maçons (sem a presença dos esposos) desejosas de conhecimento e de esclarecimento de suas dúvidas sobre a importância e valor que eles atribuem à sua participação em suas respectivas Lojas. Esta atividade exerci em várias cidades no Estado e fora dele.

Foi em 1995, creio, que aconteceu o “pinga-fogo” do qual resultou este trabalho. Um professor de Economia na Universidade de Caxias do Sul pediu-me participar de uma aula sobre a economia européia na Idade Média e falar sobre as “guildas” ou corporações de trabalho profissionais existentes na época e que foram as precursoras da Maçonaria moderna ou atual. Após expor o meu conhecimento a respeito da matéria submeti-me ao “pinga-fogo” respondendo a tantas perguntas quantas o tempo permitiu. Ficando muitas sem resposta pedi que essas fossem escritas na hora para serem respondidas posteriormente, também por escrito. E assim foi feito. Foram recolhidas 65 perguntas. Tantas quantas possíveis foram agrupadas numa única resposta. A grafia ou ortografia nas perguntas foi respeitada em todos os casos para manter a autenticidade. As minhas respostas, segundo o meu conhecimento e minha opinião, podem ser lidas na seqüência...

“O que é a Maçonaria?”
“O que prega a Maçonaria?”
“Quais os objetivos da Maçonaria?”
“Quais os princípios da Maçonaria?”

O QUE É A MAÇONARIA? De todas as perguntas, esta é a mais difícil de ser respondida; eu diria que ela jamais foi respondida de modo definitivo.

Mas, afinal, o que vem a ser a Maçonaria? É uma seita religiosas ou uma religião? Uma sociedade secreta ou de socorros mútuos? Uma instituição filantrópica ou filosófica? Uma sociedade de pensamento? Uma escola noturna para adultos?

Especificamente, a Maçonaria não é nada disso, mas nela cada um desses aspectos podem ser encontrados, mais ou menos profundamente marcados, a formar-lhe a fisionomia que lhe é peculiar.

Cada uma das respostas dadas por homens letrados e estudiosos, tende a responder apenas destacando uma de suas facetas. Para compreendê-la é necessário debruçar-se sobre as respostas que poderiam ser dadas às demais perguntas, acima destacadas. De tanto buscar essa resposta, como tantos outros que a têm buscado, já se insinuou em minha mente que deveria partir para um método inverso, pela eliminação seqüente de todas noções que me digam: isto não é Maçonaria! E depois fixar-me sobre os conceitos que restarem e procurar dar-lhes uma unidade para chegar à essência do conteúdo destes.

Estudando os princípios, os objetivos e o que prega a Maçonaria, chegaremos a compreendê-la, mas continuaremos incapazes de formular uma definição concisa a ser expressa em poucas palavras, ou mesmo em poucas linhas. Ela é um mistério em si e esse é o seu único mistério. Muitos maçons entrevêm a Maçonaria apenas por um ou outro desses aspectos, desprezando os demais, são incapazes de explicar aos interessados o que é a Maçonaria. Sendo proponentes ou sindicantes, procuram cerca-la com um desnecessário e despropositado mistério, para disfarçar sua própria ignorância, o que, em última análise, vem dar consistência aos ditos e falatórios populares que vêm na Maçonaria algo diabólico e tenebroso.

Antes de tudo, acompanhe-me na leitura de umas quantas definições, coletadas em diversas fontes e postas à luz em diferentes épocas.

Para **Luiz Humbert Santos**, conforme ele afirma em seu *Prontuário de La Masoneria*:

“É a ciência fundamental da liberdade, é a própria civilização que modifica esse transforma como matéria e não como os sóis que acabam consumindo-se por si mesmos através dos séculos, à força de produzir energia, luz e calor. Não é uma fórmula, mas um laboratório no qual se analisa e estimula as obras dos homens, sem dogmatismos científicos e sem verdades indiscutíveis.”

O maçom **Adam Weisshaupt**, tão mal compreendido pelos seus contemporâneos e tão caluniado pelos absolutistas, e particularmente pelos seus mais ferrenhos adversários, os jesuítas, de quem foi aluno, escreveu em **Le Signifié de la Franc-Maçonnerie**, as seguintes palavras, por volta do ano de 1780:

“A Maçonaria é um sistema sacramental que, como todos sacramentos, tem um aspecto externo e visível, constituído pelo cerimonial, suas doutrinas e seus símbolos que se podem ver e ouvir, e um aspecto interno, mental e espiritual, oculto sob as cerimônias, a doutrina, os símbolos, só é proveitosa para o maçom capaz de valer-se da imaginação espiritual e de descobrir a realidade existente por trás do véu do simbolismo externo.”

O grande escritor francês, **Voltaire**, assim escreveu sobre a Maçonaria: **“A Maçonaria é a entidade mais sublime que conheci. É uma Instituição Fraternal, na qual se ingressa para dar e que procura um meio de fazer o bem, de exercitar a Benevolência.”**

O maçom, é exercitado a dar, mas não são dados apenas valores materiais, e foi o que outro grande maçom, **Simon Bolívar**, entendeu perfeitamente ao escrever:

“A Maçonaria é uma praia acolhedora. Ditosos aqueles que podem alcançá-la! Felizes aqueles que podem chegar até ela, vencendo as tempestades do pensamento. No seio da Maçonaria adquirem-se grandes virtudes e descobrem-se grandes gênios da ação e do pensamento. Na Maçonaria, o homem aprende a elevar-se sobre o vulgo, não duvida em esquecer, quando é necessário, de si mesmo, desde que possa oferecer aos seus Irmãos um pouco de doçura na existência. É uma Instituição sublime.”

A. Tentório de Albuquerque, escritor e pesquisador maçônico, aprofundou-se na investigação da participação dos maçons nas campanhas pela Independência, recolheu valiosos depoimentos de padres e religiosos maçons daquela época sobre a Maçonaria. Assim, o famoso pregador e prócer da Independência do Brasil, **Cônego Januário da Cunha Barbosa**. Chegou a exclamar em um dos seus discursos:

“Filha da ciência e mãe da caridade, fossem as sociedades como tu, ó santa Maçonaria, e os povos viveriam eternamente numa idade de ouro. Satanás não teria mais o que fazer na Terra e Deus teria em cada homem um eleito!”

O **Padre Manoel Inácio de Carvalho**, após considerar que a Maçonaria era a virtude personificada, acrescentou que:

“... ela não tem símbolo que não seja a aplicação de uma verdade transcendente. Não possui um só mistério que não cubra a prática de alguma verdade.”

É notável o entusiasmo desses membros do clero católico para com a instituição tão virulentamente atacada pelas autoridades eclesiásticas, mas o **Bispo Dom Sebastião Pinho do Rego** mostrou ainda maior entusiasmo em sua apreciação da Maçonaria:

“Jesus Cristo instituiu a Caridade. A Maçonaria apoderou-se dela e constituiu-a sua mestra. É sob os seus auspícios que não morre a

sua Esperança e se robustece a sua Fé. Bendita seja esta irmã da Igreja na Virtude!”

Assis Carvalho, pesquisador, escritor e editor maçônico, em seu último livre, no qual ainda sinto o cheiro da tinta de impressão, diz:

“Ela possui um ingrediente, que faz com que homens das mais diversas categorias sociais, abandonem o aconchego de seus lares, o conforto de um sofá, o passatempo de um jogo no clube, para passar às vezes dez ou doze horas mal acomodado, ouvindo outros Irmãos falarem, falarem de assuntos que às vezes estão saturados de Saber. Não há explicação. Estou com quase trinta anos de Maçonaria e ainda não entendi o porque dessa atração, desse imã, dessa doce conspiração. Onde homens que nunca se viram se abraçam com calor e se chamam de Irmãos. Se chamam a agem como tal. Realmente não há explicação. E se há, ainda não a consegui encontrar.”

Eu tomo as palavra do Irmão Assis, a quem apelidamos de “Xico Trolha”, para transforma-las em minhas com uma mínima alteração, a saber: onde e diz **quase trinta anos**, eu por mim, digo **quase quarenta anos** de Maçonaria.

As citações acima transcritas, umas poucas das muitíssimas existentes, mostram-nos como é impossível fazer uma síntese. Talvez pudéssemos defini-la com menos palavras, se ela tivesse um fundador, doutrinador ou codificador, um homem sábio, possuidor de extraordinárias qualidades, digno de veneração por seus adeptos. Diante dessa falta, o famoso historiador inglês, **Robert Preke Gould**, autor da **History of Free Masonry**, uma extensa obra, resultado de suas pesquisas na história da Maçonaria, entre muitos comentários sobre seus achados, disse:

“A Maçonaria surgiu e se desenvolveu com uma completa independência da Igreja e do Estado, não obstante as perseguições de que foram objeto os seus filiados em algumas nações, sendo tolerados em outras e malquistos em geral, como quase todos os organismos humanitários que se propõe a fins coletivos.

A entidade que começou por ser modesto núcleo constituído por indivíduos que sentiam entusiasmo por seus ideais, chegou a ser uma força social poderosa que contou com milhares de adeptos em todos os Continentes. As tentativas para dissolve-la foram muitas, porém, quase sempre infrutíferas, já que a Fraternidade foi se estendendo por toda parte, tendo contribuído em medidas bastante amplas para o adiantamento dos povos, exercendo saudável influência na ordem moral, fortalecendo o desenvolvimento das idéias libertadoras.”

No decorrer dos últimos 280 anos, da fase atual da Maçonaria e de qual participaram grandes vultos da Humanidade, em todos os campos da atividade humana, muitos pensamentos germinaram e muitos conceitos foram emitidos. De toda essa atividade intelectual, foram cristalizados e catalogados todos os pensamentos que ocupam as ações e as preocupações de todos os maçons. Formou-se, assim, uma coletânea de artigos que recebeu a denominação de **Princípios Gerais da Instituição**.

No primeiro artigo tenta-se definir a Maçonaria em uma frase, expondo a sua natureza em quatro essências: filosofia, filantropia, educação e progressão

constante; são temas que podem ocupar a mente por anos sem conta. Depois declara a sua posição face aos mesmos e, depois, enuncia seus fins supremos. Leia atenta e pausadamente cada um dos artigos a seguir transcritos:

1 – A Maçonaria é uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: a LIBERDADE, a IGUALDADE e a FRATERNIDADE.

2 – Condena a exploração do homem, bem como os privilégios e as regalias, mas enaltece o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor demonstrado na prestação de serviços à Ordem, à Pátria e à Humanidade.

3 – Afirma que o sectarismo político, religioso ou racial é incompatível com a universalidade do espírito maçônico. Combate a ignorância, a superstição e a tirania.

4 – Proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um.

5 – Defende a plena liberdade de expressão do pensamento, como direito fundamental do ser humano, admitida a correlata responsabilidade.

6 – Reconhece o trabalho como um dever social; julga-o dignificante e nobre sob qualquer de suas formas: manual. Intelectual ou técnica.

7 – Considera Irmãos todos os maçons quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades ou crenças.

8 – Sustenta que os maçons têm os seguintes deveres essenciais: amor à Família, fidelidade e devotamento à Pátria e obediência à Lei.

9 – Determina que os maçons estendam e liberalizam os laços fraternais, que os unem, a todos os homens esparsos pela superfície da Terra.

10 – Recomenda a propaganda de sua doutrina pelo exemplo e por todos os meios de comunicação do pensamento e proscreeve terminantemente o recurso à força e à violência.

11 – Adota sinais e emblemas de elevada significação simbólica, os quais, utilizados nos trabalhos maçônicos, servem também para os maçons se reconhecerem e se auxiliarem onde quer que se encontrem.

Este conjunto de princípios não é uma mera declaração para permanecer no papel. Cada cidadão, a partir do seu ingresso na Maçonaria, passa a esforçar-se no sentido de incorpora-los ao seu modo de pensar, e o mais importante, ao seu modo de agir perante toda a sociedade. Enquanto isto ele não conseguir, será apenas um membro da Ordem e não um maçom, apesar de não existir nenhuma declaração a esse respeito; esse é um conceito meu e de uns poucos

outros, pois entendo que é necessário **aderir, praticar e divulgar**, para estar plenamente integrado na Ordem..

A bibliografia maçônica universal reúne mais de 80.000 títulos; tanto já se escreveu a favor e contra a Maçonaria, tanta paixão e tanto ódio ela tem despertado em todas partes e todos tempos, e novos livros continuam vindo à luz.

Tive de alongar-me nesta resposta pela consideração que tenho aos formuladores das perguntas. Eu não poderia dar-lhes um melhor entendimento do assunto sem recorrer a tantas citações, de pronunciamentos feitos por homens cuja credibilidade ou autoridade, no assunto, é infinitamente superior à minha.

“A Maçonaria é uma filosofia de vida?”

Esta pergunta poderia ser respondida com uma palavra de três letras. Antes de responder, hesitei; o termo **filosofia** estava acompanhado de um qualificativo: **de vida**. Alguns termos, de qualquer idioma, empregados no linguajar cotidiano, adquirem nuances e significados até que não correspondem ao pensar mais erudito, registrado e definido em dicionários. Isto aplica-se, também, ao termo **filosofia**. O que pensava o meu consultante quando formulou a pergunta? Na dúvida, recorri ao Dicionário do Aurélio e este diz assim:

*1. Estudo que se caracteriza pela intenção de aplicar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de aprende-la na sua totalidade, quer seja pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora “realidade suprema”, ora “causa Primeira”, ora “fim último”, ora “absoluto”, “espírito”, “matéria”, etc., etc., etc.) quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão?; o conhecimento?; a consciência?; a reflexão?; o que explicar?; provar?; que é uma causa?; um fundamento?; uma lei?; um princípio?; etc., etc.) tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo atribuía a qualquer daqueles temas, o pensamento filosófico vem se cristalizando em sistemas, cada um em **nova definição da filosofia** (o grifo é meu). 2. Conjunto de estudos... 3. Conjunto de doutrinas... 4. Conjunto de conhecimentos.... 5. Tratado ou compêndio... 6. Exemplar de um desses tratados... 7. **Razão; sabedoria** (o grifo é meu).*

A meu ver, as definições 1., 2., 3., 4. e 7. correspondem ao que entendo por filosofia maçônica; as definições 5. e 6. não correspondem, pois não existem como tais.

No Brasil, o escritor Manoel Arão definiu a Maçonaria (mais uma definição) como **Sabedoria**, não em si mesma, mas pelo modo por que ela se projeta nas almas, visto que, escreveu ele;

“... a Sabedoria deve ser fonte de toda virtude e de toda fé, ainda porque, em última análise, estes dois termos se confundem. A virtude que não é parte da sabedoria não pode ser perfeita, a fé que não participe da sabedoria, também não pode se sólida. Por que? Por simples princípio de lógica aplicada ninguém pratica realmente o bem se não o conhece, ninguém tem fé verdadeira se não conhece igualmente o objeto donde decorre a fé.”

Segundo o autor citado, a Maçonaria é, pois, uma Escola de Sabedoria e de Fé, uma peregrinação para o melhor e para o perfeito, uma busca pela certeza e pela luz. E ele continua:

“Ela não é uma política, nem uma religião, nem uma filosofia, no sentido particularizado de todas essas coisas. Ela é tudo isso, entretanto, ao mesmo tempo política sem partido, religião sem dogma, filosofia sem conclusões obrigatórias. Ela é tudo que reúne o anseio humano de perfeição, tudo que dá asas ao intelecto e liberta da escravidão das seitas, tudo que é luz posta ao caminho da vida para a peregrinação interminável justamente porque busca a perfectibilidade inatingível.”

E finalizando a sua definição da Maçonaria, escreve ainda Manoel Arão:

“Para ser tudo isto que resume em servidão da sabedoria, ela tem de acionar por vários meios e tem que adotar uma escola em que a moral e o intelecto se dêem a mão e se aperfeiçoem, em todos os dons do espírito. O ser infinitamente bom, e infinitamente sábio, tal é a sonhada perfectibilidade. Digamos que estes dois atributos são a revelação integral da inteligência.”

Acrescentar mais alguma coisa a tudo isto seria pretensão descabida de minha parte.

“Para ingressar na Maçonaria é preciso ser convidado ou alguém pede para ingressar no grupo?”

“Como podemos entrar para a maçonaria, de que modo?”

“Quais as regras para ser maçônico?”

“Qual a idade mínima para ingresso?”

Existe limites de idade para a pessoa sofrer o processo de seleção?”

“Como ocorre a abertura de vaga para novos membros? São os membros já existentes que indicam a pessoa para ser selecionada?”

“Possivelmente existem pessoas que gostariam e teriam condições de serem polidas e muito bem aproveitado dentro do grupo, então, pergunto se, este processo de seleção está realmente correto? Qual a possibilidade discreta, de abrir inscrição para o ingresso?”

“Por que a Maçonaria é uma entidade tão restrita? Sem acesso?”

“Por que existe restrição para ingressar na Maçonaria?”

Reuni as nove perguntas, mantendo a redação original dos perguntadores, para oferecer uma resposta global, pois todas têm algo em comum.

Para começar, falemos das “restrições” citadas. A Maçonaria, à semelhança de todas e quantas sociedades, agrupamentos, que reúnem pessoas com algum interesse comum, objetivo comum aos participantes, tem suas normas para definir quem está habilitado a pleitear o ingresso em seu seio. Essas normas são comuns em todos os Estados e Países e as resumo abaixo, todas auto-explicativas:

I – ser maior de vinte um anos de idade e do sexo masculino (sobre a mulher veja na página 20/22);

II – estar em pleno gozo da capacidade civil;

III – ter bons costumes e reputação ilibada, apurada em rigorosa investigação, que abranja seu presente e passado;

IV – possuir instrução de nível primário completo, no mínimo, ou equivalente e seja capaz de compreender, aplicar e difundir as idéias da Instituição;

V – ter profissão ou meio de vida lícito, devendo ter renda mensal suficiente para sua manutenção, da esposa e filhos, se os tiver;

VI – não professar ideologia que se oponha aos princípios maçônicos (veja na página 5);

VII – ser fisicamente hígido, não apresentando defeito físico ou moléstia, que o impeça de cumprir os futuros deveres maçônicos ou que o incapacite para a vida social;

VIII – Ter, pelo menos, um ano de residência na cidade, onde funcionar a Loja em que for proposto, ou dois anos na localidade mais próxima, desde que ali não exista Loja, a menos que o requerimento de admissão seja reforçado por informação da Loja na cidade onde residia, e

IX – aceitar a existência de um Princípio criador: o Grande Arquiteto do Universo.

A falta de qualquer destes requisitos ou a insuficiência de um deles, impede a admissão de um candidato; esta é a única restrição que um candidato pode ter de enfrentar.

Referindo-se aos requisitos, um escritor maçom comenta:

“Para ingressar na Maçonaria é preciso que o candidato esteja civilmente emancipado. O candidato não desfrutará somente de bom conceito, como será livre. Livre quer dizer dispor de sua própria pessoa. Isenção de paixões e preconceitos é indispensável para a compreensão dos superiores ensinamentos da Maçonaria. Também se dá atenção a uma certa independência econômica, pois as atividades das Lojas exigem dos seus membros contribuições em dinheiro. Estas contribuições não são, no entanto, tão elevadas, que qualquer pessoa, exercendo qualquer atividade profissional remunerada, não possa dar conta das mesmas. A Maçonaria não é uma organização capitalista. Ela é uma Ordem Fraternal. A participação do operário, do elemento da classe média, como do milionário, tem para ela o mesmo valor.”

Outro escritor faz a sua contribuição enumerando quais as pessoas que devem ser afastadas da Maçonaria, dizendo:

“Deveriam (não sei porque ‘deveriam’, eu penso que ‘devem’) ***ser afastados da Maçonaria os sectários cuja mentalidade acha-se em oposição formal com os princípios fundamentais de nossa Instituição; os pretensiosos que sempre têm resposta peremptória a todas as curiosidades do espírito, os egoístas que praticam a Fraternidade ‘em sentido único’, os ambiciosos necessitados de encontrar na Loja apoios, clientes, cabos eleitorais, de acordo com o seu modo de atividade profissional ou extra-profissional; os imbecis que são peso morto a arrastar, e enfim os astuciosos decididos a explorar sob todas as formas possíveis, o altruísmo dos verdadeiro maçons.*”**

Note-se que este escritor não se refere apenas aos candidatos; ele dá a entender que no seio da Maçonaria infiltram-se pessoas com tais atributos negativos, ou os adquirem depois de terem ingressado na Ordem, e os repudia com tais declarações.

Também é necessário que o candidato declare conhecer os **Princípios Gerais da Instituição** (veja-os na página 5).

Não existe reserva de vagas para novos membros; existem dezenas, ou centenas de milhares, somente no Rio Grande do Sul, e milhões em todo o País! Faltam decisão e ação para o preenchimento dessas vagas!

Como entrar na Maçonaria? O passo inicial, a condição primeira, varia de Estado para Estado, de País para País. Eu devo obediência ao Regulamento do Grande Oriente do Rio Grande do Sul. Nesse Regulamento encontram-se dispositivos que dizem o seguinte:

“Cabe aos maçons o imperioso dever de só ampararem a pretensão de Profanos, que realmente estejam em condições físicas, morais e intelectuais de pertencerem à Ordem, sem jamais se deixarem levar pelos laços de amizade, parentesco, partidarismo político ou religioso, relações profissionais, interesses subalternos e injunções semelhantes. Não podem ser propostos à Iniciação...(segue-se a enumeração dos impedimentos; o sublinhamento das duas palavras é meu).

Essas disposições, de certo modo são conflitantes na aplicação. Na primeira fala-se de amparar a **pretensão** e aqui cabe exame cuidadoso do termo em destaque. Segundo o dicionário do Aurélio, significa: **1. Ato ou efeito de pretender. 2. Direito suposto ou reivindicado. 3. Vaidade exagerada; presunção. 4. Aspiração, ambição.**

Vemos que o termo envolve **aspiração, ambição** e até **direito suposto ou reivindicado**. O ato de pretender ocorre perante alguém, de quem se solicita ou reivindicar, no caso seria uma Loja maçônica ou, por extensão, um membro destas, para receber o amparo necessário ao encaminhamento de todos o processo que antecede a recepção de um novo membro.

Na segunda citação é definido quem não pode ser **proposto**, e com isto fica a necessidade de uma **proposição**, o que inibe a **pretensão** de um eventual candidato. Isto está sendo obedecido no Estado e o fato de alguém ter de esperar

ser proposto, ou convidado, está sendo motivo para o afastamento de todo e qualquer cidadão que reúne as qualidades pessoais exigidas e que concorda com os princípios da Instituição a ponto de desejar adota-los. Esse cidadão, por não ter em seu círculo de amizades um membro da Maçonaria e por não poder dirigir-se diretamente a uma Loja, fica afastado da Maçonaria. Quem perde com isto?

Em alguns Estados e Países, o cidadão pode dirigir-se diretamente a uma Loja manifestando a sua aspiração. Ao fazer isto entrega um currículo de sua vida pregressa e relação de pessoas físicas e jurídicas que possam ser consultadas na investigação que ele autoriza fazer, para verificação do preenchimento dos requisitos mínimos já citados, para então o seu nome ser submetido a votação sempre feita para fim de admissão.

Na nossa cultura está tão arraigado o costume de sempre existir um proponente (padrinho) que se alguém se auto-candidatar será, no mínimo, tido como suspeito de querer “forçar” o seu ingresso. Então acontece que – ou nada acontece – um cidadão possuidor de todos os requisitos e do desejo de fazer parte da Maçonaria, tem seu ingresso impossibilitado por não conhecer nenhum maçom a quem manifestar seu desejo. Do outro lado, temos muitos maçons recatados que não discutem assuntos maçônicos com seus amigos não maçons (profanos); não o fazendo, não podem avaliar – mesmo superficialmente – se estes reúnem em si os requisitos fundamentais e se sentem atração pela Maçonaria, para então poder **propo-los** à consideração da sua Loja, resultando poucas ou nenhuma indicação. Alguns são tão severos no seu critério pessoal de seleção que esperam encontrar um anjo para propo-lo, esquecendo que os anjos não necessitam do aperfeiçoamento que a Maçonaria oferece aos que a buscam; ainda mais, não entendem que a Loja partilhará da responsabilidade que ele sente na seleção, pois investigará a vida pregressa do candidato e com base nas informações recolhidas votará pela aceitação ou não em seu seio.

Se o processo de seleção é realmente correto, como foi perguntado, eu digo que necessita ser aperfeiçoado, em favor da Maçonaria e dos que honestamente a procuram.

“Como a Maçonaria escolhe seus membros levando em consideração a boa índole, por que políticos e empresários sonegadores estão integrados nas suas casas?”

“Se o objetivo da Maçonaria é a reforma do indivíduo, para o bem da sociedade, porquê os políticos hajem como tal? Sendo que a vários integrantes dentro da política?”

Reproduzo as perguntas exatamente como ela foram escritas. Não conhecendo os que as formularam, não lhes posso perguntar os nomes desses **empresários** e **políticos**, e o nome das nossas **casas** (Lojas) onde estariam abrigados. Presumo que os perguntadores têm algum conhecimento concreto para justificarem a indagação.

Preliminarmente, desejo salientar que nos Princípios Gerais da Instituição, em seu artigo sétimo, é dito que a Maçonaria **“sustenta que os maçons têm os**

seguintes deveres essenciais: amor à Família, fidelidade e devotamento à Pátria, e obediência à Lei.” Portanto, a Maçonaria como Instituição, não aceita nem é conivente com procedimentos que contrariam esses deveres essenciais, quando eles ocorrem. É possível ocorrerem? Sim! Por quê? Porque o ingresso do homem na Maçonaria não o torna um homem santo. Porém, até o seu ingresso ele é tido como pessoa **“de bons costumes e de reputação ilibada, apurada em rigorosa investigação, que abranja seu passado e presente.”**

O ingresso se dá em uma Loja com sede próxima ao domicílio do candidato e por meio de proposta assinada por um ou mais membros desta, que devem ter algum conhecimento da pessoa indicada e, também de fontes onde possam ser buscadas informações sobre seu passado e presente, informações pertinentes aos deveres essenciais antes citados. A Loja não aceita o candidato baseada apenas nas informações dos proponentes ou no prestígio destes.

A investigação confirma a **reputação ilibada** do candidato e a recepção ocorre. Sob tais circunstâncias e procedimentos, não podem ingressar na Maçonaria pessoa tipificadas nas perguntas e aceitamos que isto não acontece. A partir da recepção ele passa a ser reconhecido como **Irmão** no seio da Maçonaria e conhecido como **Maçom** no seio da comunidade em que vive e trabalha. Tornar-se **Maçom** pode levar tempo, como pode também não ocorrer nunca! A meu ver, a partir da recepção, são três os caminhos que ele pode tomar, a saber: 1. Tornar-se um investigador permanente de todos os fatos, concretos e abstratos, da vida em sua ligação, ou interação, com a filosofia maçônica, e dessa pesquisa extrair o melhor e incorpora-lo ao seu **Eu**; 2. Tomar conhecimento dos rudimentos dessa filosofia, o suficiente para polir o seu **Ego** até o ponto de poder conviver com os Irmãos e desfrutar do prazer que a fraternidade oferece; 3. Tomar conhecimento dos rudimentos dessa filosofia, o suficiente para poder aparentar tê-la assimilado e ganhar a necessária credibilidade para, partindo desta, iniciar a exploração dos Irmãos em benefício de interesses pessoais, até ser desmascarado ou fugir antes de sê-lo.

O primeiro caminho leva ao relacionamento perene com a Maçonaria e a uma intensa participação em todos os trabalhos que levam ao crescimento da Ordem e do maçom; neste caminho ele chega a ser **Maçom**. O segundo caminho leva a um relacionamento que pode ser perene ou não; este durará enquanto o Ego do **Irmão** não for contrariado, ou até que seja chamado a aceitar responsabilidade que perturbe a sua comodidade; ele gosta de estar entre os Irmãos mas não é muito achegado ao trabalho e para esquivar-se deste, inventa impedimentos até o ponto de preferir simplesmente desaparecer. O terceiro leva ao relacionamento relativamente curto; neste o **Irmão** explora a boa fé dos seus pares, o bom nome da Maçonaria nos seus negócios pessoais, até que seja percebido o seu intento ou seja apanhado numa falcatrua. Este não tem recato e ostenta a sua condição de membro da Maçonaria. Normalmente, antes de ser apanhado e levado a julgamento, desaparece de circulação. É raro, muito raro, isto acontecer e pode ter sido um caso assim que tenha originado as perguntas.

Algum maçom, que eventualmente ler estas linhas, poderá estar contestando a minha linha de pensamento e dizendo: “que estória é esta de **Maçom** e **Irmão** não serem a mesma coisa?” “O que ele está inventando para passar ao público em geral?” Eu também pensava ser Maçom durante muitos anos após a minha recepção, até que um dia descobri um escrito, sem

identificação do autor, mas certamente de alguém que muito meditou e estudou, assim redigido:

“O biótipo característico do Maçom, pode ser sintetizado na prosa seguinte:

O Maçom é solidário em Deus (Grande Arquiteto do Universo) e solidário com todas as criatura de Deus.

Mantém o seu modo de pensar e de agir independentemente da opinião pública.

***É tranqüilo, sereno, paciente; não grita, nem se desespera!
Pensa com clareza, fala com inteligência, vive com simplicidade!***

É do passado, do presente e do futuro!

Sempre tem tempo.

Não despreza nenhum ser humano!

Causa a impressão dos vastos silêncios da Natureza: o céu, o oceano e o deserto!

Não é vaidoso; não anda à cata de aplausos; jamais se ofende; possui sempre mais do que julga merecer!

Está sempre disposto a aprender, mesmo das crianças e dos tolos!

Trabalha só pelo prazer do trabalho em si, e não pela recompensa material

Vive dentro do seu próprio isolamento espiritual, onde não chegam nem o louvor, nem a censura; mas seu isolamento não é frio, porque ele ama, sofre, pensa, compreende!

O que ele possui – dinheiro ou posição social – nada significa para ele!

Só lhe importa o que ele é!

Renuncia à opinião própria, quando verifica o seu erro; não respeita usos estabelecidos por espíritos tacanhos!

Respeita somente a verdade!

Tem mente de adulto e coração de criança!

O Maçom conhece-se a si mesmo, tal qual é, porque conhece o Grande Arquiteto do Universo – e por isto conhece os Homens!”

Foi após esta leitura que adquiri a consciência do quanto me falta para ser **Maçom**, apesar de ser **Irmão** de todos os membros da Ordem maçônica. A partir de então tenho procurado melhorar naqueles pontos em que o meu agir, o meu pensar, não se enquadravam perfeitamente.

Você, que não pertence à Ordem e pouco sabe a respeito dela, seja homem ou mulher, bem pode fazer o exercício de comparar cada item do enunciado com o teu agir e o teu pensar, para saber o quanto você se aproxima desse ideal, que não é uma exclusividade do **Maçom**, pois pessoas com essas características são encontráveis fora da Maçonaria, mas o reconhecimento delas geralmente ocorre após o passamento delas para a Eternidade.

Alonguei-me nestas considerações para salientar que nem todo membro da Maçonaria é **santo** (isento de pecado) e que nem todos os **santos** são membros da Maçonaria. Aproveitei o ensejo para salientar que a Maçonaria é a melhor escola, o melhor meio, o melhor ambiente, para os portadores da pequena chama do ideal transformarem-na numa intensa labareda.

“Qual é o grande mistério da Maçonaria?”

“Por que todo mistério sobre a Maçonaria?”

“Por que ela não é divulgada como qualquer outra instituição?”

“Por que tanto sigilo se é uma instituição para ajudar o próximo?”

“Se a Maçonaria é tão boa por que ela não é estudada nos bancos escolares?”

Todas estas perguntas têm relação entre si, pois conduzem à crença de que a Maçonaria é uma sociedade secreta, acusação que contra ela começou a pesar poucos anos após o seu nascimento, quando começou a ser dito que, através de métodos e princípios revolucionários, ela se opõe ao Estado e à Igreja. Transcorridos quase trezentos anos, muitos ainda assim pensam.

Uma sociedade secreta não possui domicílio certo e conhecido; as suas reuniões não possuem calendário certo; os seus membros não são conhecidos pelas autoridades e em muitos casos não se conhecem entre si; seus objetivos podem ser conhecidos pelas ações que empreende, mas as suas leis internas não o são.

As Lojas maçônicas necessitam de templos para a realização de suas reuniões, os terrenos são adquiridos e registrados por escritura pública e as construções são feitas com plantas aprovadas pelas autoridades competentes, portanto têm domicílio certo e conhecido. Os seus membros, especialmente os dirigentes que são eleitos periodicamente, são conhecidos de todas as autoridades com quais a vida da Loja se relaciona, e são muitas; se conhecem entre si e se relacionam com membros de outras Lojas próximas e, por sua atividade destacada, tornam-se conhecidas estadual, nacional e internacionalmente até. Os seus estatutos são devidamente registrados nos Cartórios de Títulos e Documentos das Comarcas onde funcionam; este registro é promovido após a publicação no Diário Oficial do Estado e, por conseguinte, qualquer pessoa interessada pode lê-los na Imprensa Oficial e solicitar, se o quiser, uma certidão aos Cartórios mencionados.

Por nenhum aspecto, portanto, a Maçonaria pode merecer a qualificação de **secreta** e possuidora de todas as qualidades censuráveis que este termo em si encerra! Nos muitos países que já visitei por forças de atividade profissional, a primeira coisa que sempre fazia, após instalar-me num hotel, era pegar a lista telefônica e nela localizar o endereço de uma Loja maçônica, para visita-la após os labores do dia na missão empresarial que me levava àquela cidade. A mesma coisa sempre fiz nas viagens pelo nosso País. Eu tive dificuldade em um caso e impossibilidade em outro, em países submetidos a regime ditatorial; afora esses dois casos, sempre desfrutei do intenso calor fraterno com que fui acolhido.

A “secreticidade” não faz parte da natureza da Maçonaria; quando ela existe lhe é imposta por fatores externos que ameaçam a segurança e a integridade dos seus membros. Mesmo num país democrático, como hoje é o nosso, muitas pessoas honestamente acreditam que a Maçonaria é um perigo para o Estado e a Igreja, crença continuamente realimentada pelos que se aproveitam do Estado e da Igreja para fazer crescer e garantir a segurança do seu patrimônio material. A este respeito temos lido e ouvido sobre inúmeros fatos, em quais os servidores dessas duas instituições têm misturado o dinheiro delas com o seu pessoal. Quando escrevo Igreja, não estou particularizando nenhuma confissão em especial, e quando digo Estado, incluo o poder municipal, estadual e nacional.

A Imprensa – este termo inclui jornais revistas, rádio e televisão – é livre constitucionalmente, porém sua economia é totalmente dependente dos que pagam pela divulgação das suas mercadorias e serviços. Qualquer órgão da imprensa que divulgue notícias, informações, contrárias ao interesse ou pensamento pessoal do anunciante, perde futuros anúncios e a renda correspondente, tão necessária à sua sobrevivência. Não devemos, portanto, nos admirar diante da ausência de notícias relacionadas com a Maçonaria, quando favoráveis a esta. Leia ou releia (página 5) os Princípios Gerais da Instituição; como seria bom se eles pudessem ser amplamente divulgados, porém, alguns grandes anunciantes se sentiriam gravemente prejudicados e ofendidos até no conteúdo de alguns destes.

Após estas colocações, torna-se compreensível porque a Maçonaria não é uma boa notícia, a menos que surja um fato escandaloso e depreciativo para a Instituição, passível de acontecer, pois nem todos os maçons são anjos que imaginamos serem. A mesma coisa acontece com as escolas; não existe a menor possibilidade de o assunto ser incluído no programa de ensino de qualquer nível. Algumas tentativas têm existido em nível superior, porém efêmeras. Tenho conhecimento que uma das maiores universidades da França, ou a maior, tem um curso de Doutorado em Maçonaria; mas isto acontece na França, cuja história está permeada de fatos e atos de pessoas ligadas à Maçonaria. Misteriosa é a influência que dificulta e impede a divulgação da Maçonaria.

Comparada com outras sociedades, a Maçonaria poderia ser denominada, com maior prioridade e exatidão, de sociedade “fechada”, “discreta”, “reservada” ou qualquer outra designação, assim como existem por toda parte “clubes fechados” e “clubes muito fechados”..

Neste exato momento, estão ocorrendo em diversas partes do mundo, reuniões de pessoas que devem possuir certas qualificações para delas participarem. O exemplo mais comum que citei na aula de qual participei, na Universidade de Caxias do Sul, é o da própria Universidade – e de qualquer outra escola – onde alunos se reúnem para estudo segundo as qualificações que possuem, divididos em classes ou séries, não podendo outros, sem tais qualificações, participar. Em toda atividade humana ocorrem circunstâncias em que há necessidade de uma reunião com a exclusão de pessoas não qualificadas para a sua finalidade, e todo o mundo acha isto absolutamente normal, natural e necessário até. Porém os adversários da Maçonaria têm procurado e ainda procuram, em vão, demonstrar “a periculosidade da sociedade secreta maçônica”

para que ninguém busque qualificar-se a participar de suas reuniões. O perigo está na pessoa descobrir que possui todas as qualidades necessárias e assim ingressar na Ordem e se libertar da tutela sobre ela exercida pelos “donos da verdade”, da verdade deles que não podem aceitar todos ou alguns dos **Princípios Gerais da Instituição.**

O maçom aprende que não se deve polemizar em assuntos de política partidária e de religião sectária; com o tempo adquire a capacidade de discutir Política e Religião sem partidarismo e sectarismo, e outros “ismos” que o não maçom defende com paixão que pode levar ao ódio e todas as conseqüências deste. Por isso, as palavras pronunciadas numa reunião maçônica permanecem “intra-muros” e as atas desta não são publicadas. Sempre que os membros de uma Loja desejam ouvir a palavra de alguma autoridade em assunto palpitante e não sendo esta membro da Ordem, realizam uma sessão aberta ao público e até convidam adversários seus conhecidos, fazendo-o por escrito. Em tais ocasiões constata-se a existência de um mistério, o por que algumas dessas pessoas não comparecem e nem sequer acusam o recebimento do convite. Conhecendo-se a Maçonaria, torna-se fácil decifrar os “misteriosos objetivos” dos que costumam explorar os “mistérios da Maçonaria”.

Várias editoras de livros, ao longo de muitos anos, têm editado livros escritos por maçons sobre a Maçonaria; tais livros foram e são lidos por não maçons e não me consta que alguém tenha encontrado neles algo que merecesse condenação ou fosse motivo de escândalo. Nem os contumazes adversários têm podido servir-se deles para reforçar a sua posição anti-maçônica.

“Quem pode ingressar na Maçonaria?”

“Por que o indivíduo deve ter uma situação financeira equilibrada para ingressar na Maçonaria?”

“Por que os maçons precisam ter um poder aquisitivo, ou seja, a maioria são pessoas de posses (ricas)?”

“Por que as pessoas devem estar economicamente estáveis para entrar na Maçonaria?”

“O que é ser livre para a Maçonaria?”

A primeira Constituição da Maçonaria Especulativa (moderna) estabeleceu que devia ser verificado se o candidato era “**livre e de bons costumes**”, segundo o que se entendia por ser livre e quais eram os costumes no início do Século XVIII. Nesse tempo o homem comum era servo ou vassalo de um senhor feudal, como também existia a escravidão em várias partes do mundo. Servos, vassalos e escravos estavam excluídos da consideração.

Os requisitos hoje vigentes explicam o termo “**livre**” em definição mais clara e ampla, dizendo que o candidato:

- 1 – deve ser maior de vinte um anos de idade;
- 2 – deve estar em pleno gozo da capacidade civil;
- 3 – deve possuir instrução de nível primário completo, no mínimo, ou equivalente, e seja capaz de compreender, aplicar e difundir as idéias da Instituição;
- 4 – deve ter profissão ou meio de vida lícito, devendo ter uma renda mensal suficiente para o sustento pessoal, e da esposa e filhos se os tiver;
- 5 – deve ser fisicamente hígido, não apresentando defeito ou moléstia, que o impeça de cumprir os futuros deveres maçônicos ou que o incapacite para a vida social.

Todas essas condições, quando não atendidas são cerceadoras da **liberdade** do indivíduo. O condenado por transgressão da Lei, enquanto cumpre a pena, não é livre. O analfabeto é escravo de sua condição; ainda que seja inteligente, não tem acesso pessoal ao conhecimento escrito. O cidadão com renda insuficiente também não é livre para dispor de si e do seu corpo, para as obras da Maçonaria, pois deve ter o poder de contribuir com tempo e dinheiro sem que isto comprometa o seu orçamento pessoal e a vida familiar. O incapacitado fisicamente ou portador de moléstia incapacitadora, por ser obviamente incapaz, é dependente.

Existe mais uma condição limitadora do ser **livre** que, nos dias de hoje, após as grandes transformações ocorridas no panorama mundial, especialmente no político, pode ocorrer com menor freqüência: é a de o candidato ser adepto de ideologia ou membro (com juramento prestado) de instituição que não aceita a existência da Maçonaria.

Atendidos os quesitos referente ao ser **livre**, passemos ao seguinte, que diz:

“o candidato deve ter bons costumes e reputação ilibada, apurada em rigorosa investigação, que abranja seu presente e seu passado.”

Quanto aos bons costumes, estes são os aceitos pela sociedade como essenciais para a aprovação nos círculos onde a ética e a moral predominam. Um cidadão com um presente e um passado condenáveis pela moral e pela ética, se tentar o ingresso será rejeitado na votação em Loja, onde é necessário alcançar a unanimidade de votos.

Finalmente, o candidato deve:

“aceitar a existência de um Princípio criador. Esse Princípio pode chamar-se Deus, Jeová, Alá ou Grande Arquiteto do Universo (veja a resposta a “Quem é o Deus da Maçonaria, na página 35/38).

A Maçonaria necessita de homens fortes, dignos deste nome e capazes de empunhar o facho que nos legaram os nossos antepassados e conduzi-lo até a meta final. Não lhe podem servir homens fracos, pusilânimes e comodistas, propensos a debandar diante da primeira contrariedade ou dificuldade.

“Se os maçons não são racistas, por que não se sabe de maçons negros?”

Esta pergunta mais parece uma acusação do que uma indagação, pois insinua uma não existência de homens de pele negra na Maçonaria devido a uma atitude de segregação dos de pele branca. Não creio, em absoluto, que esta tenha sido a intenção do perguntador, certamente desconhecedor até dos fatos mais elementares relacionados com a Maçonaria.

Nos Princípios Gerais da Instituição, uma série de declarações que definem os propósitos dos que se reúnem sob sua égide, um artigo define claramente a atitude da Maçonaria diante do problema levantado. O texto em questão está assim redigido: **“Considera Irmãos todos os maçons quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades ou crenças.”**

Ora, se considera Irmãos **todos** os maçons quaisquer que sejam suas raças..., fica claramente definido que eles existem, e eles existindo não existem restrições ao seu ingresso. Esta é a norma, é a orientação dada aos que têm de deliberar sobre a aceitação de um candidato e que devem verificar unicamente se este preenche condições universalmente estabelecidas para esse fim (veja na página 15 e 16).

Faz parte do natural recato dos maçons não ostentar a sua filiação à Ordem em comunidades onde eles não recebem plena aceitação ou aprovação. A sua revelação em tais circunstâncias desencadearia uma reação que eles não necessitam sofrer, e o maçom negro numa comunidade predominantemente de brancos tem motivos para um recato ainda maior; afinal, ninguém tem vocação para mártir sem necessidade de sê-lo.

Existem na Maçonaria sulina, em relação à do centro-oeste e a norte-nordestina, proporcionalmente menos maçons de sangue africano e asiático. Em contrapartida, nos países africanos e asiáticos, podemos encontrar proporcionalmente menos maçons de sangue europeu. Os fatores do desequilíbrio racial nas Lojas maçônicas são de natureza outra, que nada têm a ver com os princípios da Instituição.

Está muito difundido o conceito de que o 33º grau reúne a elite da Maçonaria, que os que chegam até este são seres privilegiados e detentores de não sei mais quantos atributos pessoais. Sendo isto verdadeiro, e não é, pois no seio da Maçonaria os privilégios são repudiados e elites condenadas, pois são segregacionistas de variadas naturezas, os portadores de sangue africano estariam excluídos. Porém, eles lá estão, meus Irmãos muito queridos, pelo que são como seres humanos que decidiram abraçar a mesma filosofia que eu abracei há quatro décadas!

Poderiam ser eles mais numerosos? Certamente sim! Por que? Porque o ingresso na Maçonaria se dá normalmente por meio de convite feito por quem já é membro da Ordem. Quem convida, convida quem? Convida uma pessoa que conhece bem e para conhecer bem tem de ter certa convivência – amizade – com ela. O problema está em que tal convivência no dia-a-dia não é freqüente.

“Qual a ligação dos maçons com o Espiritismo?”

Devemos tentar entender a pergunta tal como foi colocada. A ligação dos maçons – e não da Maçonaria – com o Espiritismo, como doutrina e não os espíritas. Ou será que o perguntador quis dizer: **ligação entre a Maçonaria e o Espiritismo**, como Instituições que são?

Em qualquer caso, não existe nenhum elemento concreto que possa sustentar a existência de qualquer **ligação** formal, ou mesmo informal, com o Espiritismo, ou qualquer outra de todas as Religiões existentes.

A Maçonaria não é uma Religião e não se propõe a ser substituta para quem não a tem, ou quem a tem de berço porém não a pratica. Quando algum maçom cita o nome de Jesus Cristo, o que freqüentemente ocorre, não o faz pensando nos conceitos desta ou aquela Religião cristã, mas, sim, pensando no Jesus do seu tempo quando Ele ensinava às multidões, agnósticas e irreligiosas até, novos conceitos para a sua orientação pessoal na vida comunitária e a relação desta com o seu Pai, o Criador de todas as criaturas animadas ou inanimadas.

O Jesus daquele tempo, como não podia deixar de acontecer, era muito questionado pelos líderes religiosos, também detentores do poder temporal. Desses questionamentos serviu-se Ele para ensinar ainda mais. Quando acusado de subversão da Lei de Moisés (os 10 Mandamentos), respondeu: ***“Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nenhum i ou nenhum til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.”***

Em outra oportunidade, nova interpelação com a intenção de enquadrá-lo como violador da Lei, perguntaram-Lhe : ***“Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?”*** Respondeu-lhes Jesus: ***“Amarás o Senhor, teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Deste dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas.”***

Isto não foi dito aos católicos, aos protestantes de todas as correntes, aos espíritas, nem aos maçons: ESTES SIMPLEMENTE NÃO EXISTIAM ENTÃO! Então o que foi dito era dirigido às pessoas comuns, ignorantes em religião ou adeptos formais da religião principal de então. O que valia para tais pessoas de então continua válido para as de hoje!

Com o correr dos séculos, os seguidores da doutrina de Jesus cresceram em número e formaram numerosas igrejas no mundo então conhecido, identificando-se como cristãos e o seu pensamento comum foi denominado Cristianismo. As igrejas interligaram-se na defesa dos seus membros e dos interesses destes. Os seus líderes passaram a exercer o poder sobre os seguidores e, conquistando posições de mando na sociedade civil, exerceram cada vez maior domínio sobre esta, Interpretando a seu modo os ensinamentos de Jesus, criaram sofisticadas regras de culto e se autodenominaram intermediários entre o Homem e Deus. Essas regras eram tão severas que o infrator podia ser levado à morte.

Tamanha severidade criou a expressão: ***“crê ou morre!”*** O crer, para salvar a vida, tornou-se em fé hipócrita e para a maioria dos “crentes” isto não

tinha outra importância do que a salvação de sua pele. Outros, entendendo o verdadeiro fundamento da fé não abdicaram de suas convicções; em grupos resistiram e procuraram reformar as regras que lhes eram impostas. Os bem sucedidos acabaram enveredando por caminhos semelhantes, criando outras regras coercitivas, com punições também inaceitáveis aos entendedores dos dois mandamentos de Jesus.

Para se chegar a Deus ficou tão difícil que muitas pessoas desistiram de participar de qualquer religião e passaram a ser discriminadas, mais ainda como apodo de **hereges** ou **ateus**, merecendo a fogueira, apesar de em seus corações amarem a Deus e ao Próximo! Sob tais condições, esses ateus ou hereges começaram a unir-se em um movimento que acabou culminando na existência da Instituição que hoje é chamada de Maçonaria.

A Maçonaria não cita o nome de Jesus, nem os seus dois mandamentos, em nenhuma de suas publicações oficiais. Porém, é claro, é evidente, que a redação oficial dos Princípios Gerais da Instituição foi inspirada naqueles. A maçonaria visa a construção de um mundo onde impere o Amor! Quando existir efetivamente o Amor, não mais existirá o Pecado e todos os mandamentos estarão caducos! Quem ama cumpre a vontade da pessoa amada; quem ama a Deus cumpre a Sua vontade; quem não cumpre, não O ama. Amar é contraditório a adorar; nós adoramos o ouro e o que com ele podemos adquirir, ídolos de matéria ou de carne e osso, e tantas outras coisas que não nos aproximam de Deus. Quem adora algo odeia quem pode ou tenta apoderar-se desse algo.

Hoje, depois do desmascaramento de tantas inverdades assacadas contra a Maçonaria, ainda persiste no subconsciente de muitas pessoas a inverdade de que ela é uma Religião e, como tal, uma concorrente perigosa de uma religião dominante em uma comunidade ou um país, quando na verdade esta predomina entre os homens que exercem o poder, os quais, como homens, reagem contra qualquer propagação dos Princípios Gerais da Instituição.

A ligação entre os maçons e os espíritas, por extensão com os crentes de todas as Religiões que verdadeiramente aceitam e praticam os mandamentos de amor a Deus e ao Próximo, é natural, de pessoa a pessoa, criatura do mesmo Criador, porque quem ama a Deus não desama o seu próximo por motivo ou preconceito nenhum.

“O que a música representa para vocês e qual o estilo usado?”

Nas reuniões normais existe pouco espaço de tempo para a música. Existem Lojas maçônicas pequenas, interioranas, que nem sequer possuem aparelhos adequados para uma boa reprodução sonora. Os nossos regulamentos estabelecem a obrigatoriedade de dois hinos, nas sessões cívicas, abertas ao público, por nós chamadas de Sessões Brancas, que são: o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Em outras ocasiões, quando surge algum intervalo, ainda que seja de um minuto, o Mestre da Harmonia coloca uma música que se aproxima do gênero clássico, com predominância de harmonia nos acordes e sem cadência rítmica que sugere a execução de uma dança.

Apesar de a música não desempenhar grande importância nos trabalhos da Loja, ela exerce forte influência sobre os maçons na medida que estes avançam em sua carreira, refinando o seu gosto nas Artes, que incluem a Música. Entre os grandes músicos e compositores que, em seu tempo eram maçons militantes, cito de memória: **Beethoven, Carlos Gomes, Gemini, Haydn, Liszt, Luiz Gonzaga, Mozart, Sibelius, Verdi e Haendel.**

Certamente outros houveram e poderão ser identificados por uma pesquisa feita por quem tem meios e tempo para tanto. Note-se que todos os citados, menos um, têm a maior expressividade e reconhecimento universal de sua genialidade. A sua obra exerce influência perene sobre gentes de todos os povos, de todas as raças. O nosso **Luiz Gonzaga** destaca-se pela beleza de sua poesia e melodia de suas composições; toda a sua obra revela um a sensibilidade impar diante das durezas da vida brasileira, especialmente a nordestina.

Além da Música, a Literatura e a Poesia tiveram grandes representantes no seio da Maçonaria. É indiscutível a importância da influência da Maçonaria sobre a obra desses gênios das Artes, obra que, por sua vez, tem influenciado a todos nós sem conhecermos a fonte em que eles se inspiraram.

Enquanto escrevia estas linhas lembrei-me de **John Philip Souza**, um emigrante português que se naturalizou norte-americano e que, na nova Pátria, compôs as mais admiráveis marchas militares e estas tornaram-no uma celebridade mundial.

A Música, de todas as Artes, é a que mais aproxima o Homem ao **Grande Arquiteto do Universo**, que os cristãos chamam de Deus; os hebreus chamam de Jeová; os muçulmanos chama de Alá; os budistas de Nirvana, etc., etc.. Entre os crentes de todas essas correntes encontram-se maçons possuidores da mesma sensibilidade, reunidos ou separados, ouvindo a música dos Mestres sentem a proximidade e a existência do Divino que os inspira.

“Por que a mulher não pode fazer parte da Maçonaria?”

“Por que a Maçonaria é apenas para pessoas do sexo masculino?”

“Por que as mulheres não participam da Maçonaria, a não ser nas reuniões brancas?”

Aqui temos perguntas que poucos maçons sabem responder convincentemente, É generalizada a noção de que a Mulher não pode fazer parte da Maçonaria porque nenhuma Loja a aceita. Os próprios membros da Maçonaria, em grande parte por preguiça mental, que os impede fazer uma investigação mais profunda deste e de muitos outros assuntos, pensam que assim é. Eles se atrapalham quando inquiridos a respeito, invocam regras estabelecidas na redação do primeiro regulamento da Maçonaria moderna com a criação da Grande Loja de Londres em 1717, que estabelecia como condição para o ingresso do candidato ser **livre e de bons costumes..., não ser ateu..., irreligioso.**

Não é necessário descrever aqui a condição da Mulher naqueles dias, como também não é necessário lembrar a sua situação em muitos países do terceiro mundo de hoje, particularmente na África e no Oriente, para entender que não havia lugar para ela por falta de capacidade civil, econômica e cultural. Essa situação perdurou por longo tempo. Em outubro de 1872, no Boletim do Grande Oriente do Brasil, um artigo especial apreciou a situação da Mulher; desse artigo pinço apenas algumas palavras que revelam o pensamento dos homens: **“... merecem especial menção as mulheres, cuja índole e sensibilidade são exploradas... Estas vítimas incautas, estas crianças pelo sexo, não compreendem, não pressentem a perigosa carreira...”** Estas conclusões não tinham nada com a Maçonaria, citei apenas para evidenciar que a Mulher era tida como incapaz perante os desafios da vida em sociedade.

Por volta de 1874, uma Loja francesa desobedeceu a regra, fundou uma “Loja de Irmãs”, fato que provocou enorme agitação na França. Do relatório do Irmão encarregado de solucionar a crise, transcrevo a parte final: **“Não somente a Loja de mulheres está morta, mas a Loja Nova Era (que deu origem ao caso) teve de morrer, deixando homens inimigos. Faço-me um dever de reconhecer, como La Fontaine, que os galos podem viver em paz se não aparecer uma galinha...”**

Em 14 de janeiro de 1882, outra Loja desobediente, iniciou a Senhorita Marie Deraismes. Quatro meses depois a Loja submeteu-se às condições tradicionais e o caso foi dado como encerrado. Porém, Marie Deraismes, culta e independente, não sossegou e, achando seguidores, em 4 de abril de 1893, fundou a Grande Loja Simbólica Mista de França “O Direito Humano”. Esta nova Ordem prosperou pouco fora da França; no Rio Grande do Sul existem algumas Lojas. Essa nova Instituição, um século após sua fundação, não goza ainda do reconhecimento da Maçonaria tradicional masculina e não existe comunicação e intervisitação entre elas..

Em 21 de outubro de 1945, na França, surge uma nova Obediência, a União Maçônica Feminina que, em 1952 passou a denominar-se Grande Loja Feminina de França, que já tem ramificação no Brasil.

A Mulher está em ascensão rápida e está começando a preencher a condição para participar da Maçonaria, tendo capacidade civil, econômica e cultural, Esta é uma constatação otimista olhando para o passado; não é tão otimista para o futuro, pois terão de ser superados os preconceitos firmemente arraigados nas mentes dos seguidores das grandes religiões monoteístas: a judaica, a cristã e a muçulmana, nas quais os do sexo masculino contam-se em centenas de milhões, devem ultrapassar a casa de muitas centenas de milhões. Para estes a Mulher representa o pecado, a infidelidade; ela é impura, desde a lenda da Criação do mundo, quando foi descrita como a Eva, infiel, cobiçosa, colocando-se a serviço de Satanás, adversário de Deus.

Quem foram os primeiros maçons, da Maçonaria que conhecemos hoje? Eles eram católicos ou protestantes. Os protestantes eram protestantes apenas por se oporem ao Papado, portanto todos imbuídos da mesma fé religiosa. Quando a Maçonaria chegou aos judeus e muçulmanos, encontrou entre estes a mesma postura frente ao papel da mulher: servidão total! Pelo mundo afora é habitual atribuir à Maçonaria a culpa pela segregação da Mulher, tanto que quem

fala do problema não lhe ocorre mais a sua origem, mas no fundo de sua memória jaz latente um culpado e quando necessário aflora o seu nome: a Maçonaria.

Contudo, por paradoxal que pareça, foi na Maçonaria que a Mulher encontrou a oportunidade de começar a sair do limbo. Já em 1737, apenas vinte anos após a fundação da primeira Grande Loja, na Inglaterra, algumas esposas de maçons, com o apoio dos esposos, fundaram a primeira Loja mista. Com a guerra que se travou na Inglaterra, pelo Trono, entre católicos e protestantes, tendo maçons em ambos os lados, os primeiros perderam e se exilaram na França, porém a divisão ocorrida fez a Maçonaria crescer em ambos os países.

Na França, por circunstâncias econômicas e políticas, encontrou a maior oportunidade entre a intelectualidade e a nobreza, onde já existiam umas quantas damas que podiam falar e eram ouvidas! Assim, entre 1717 e 1893, existiram pelo menos umas trinta organizações maçônicas mistas e femininas, que tiveram duração variada e das quais existem documentos abundantes para a alegria dos historiadores, que permitem o estudo e avaliação dos efeitos das tentativas femininas em conquistar a igualdade de oportunidade e direitos que os seus opostos (masculinos) e opositores sempre detiveram.

Neste campo, a França foi e continua na frente, basta ver a origem da Grande Loja Mista da França “O Direito Humano” e a Grande Loja Feminina de França, de quais se irradiam para o mundo, lentamente é certo, as oportunidades da Mulher participar da Maçonaria.

Existe, todavia, uma enorme barreira a ser superada. Por este relato, quem não o sabia, tomou conhecimento da existência de uma Maçonaria **masculina**, uma **andrógina** (mista) e uma **feminina**. As três adotam os mesmos princípios, a mesma filosofia; todas possuem suas estruturas e cúpulas administrativas, porém a masculina ainda não foi capaz de absorver e aceitar a existência das outras duas e se não as hostiliza também nada faz para favorece o seu desenvolvimento. Silêncio total a respeito e esse silêncio alimenta a crença popular, até entre as esposas de maçons, que a Mulher não tem acesso aos seus Templos.

Por que não “abrir o jogo”, “pôr as cartas na mesa”, reconhecer e não esconder a existência de um ramo andrógino e outro ramo feminino da Maçonaria? Negando à Mulher o direito de acesso, ela está sendo “meio universal”, não é assim? Proclamar a universalidade da Maçonaria e segregar a metade dos seres humanos não é uma contradição irrefutável?

Não se assustem os maçons tradicionalistas que, porventura lerem estas linhas; eu não estou dizendo que devem abrir as portas dos seus Templos para a invasão das mulheres! O que eu quero dizer é que os Princípios Gerais da Maçonaria não se firmarão na face da Terra enquanto as mulheres não participarem desse objetivo!

Eu não creio no sucesso da Maçonaria andrógina, e a sua muito lenta expansão o comprova; creio, porém, no sucesso de uma Maçonaria feminina **livre da tutela dos homens**. A masculina, em seus quase trezentos anos, cresceu e evoluiu num período nitidamente masculino e os resultados são excelentes; a entrada da mulher nela resultaria numa involução, A feminina, que sempre necessitou do auxílio dos homens para os seus primeiros passos, nunca contou

com o beneplácito destes. Mas agora, quando está assumindo a sua própria condição e responsabilidade, em muito menos tempo poderá firmar-se no cenário mundial, ocupando o seu próprio espaço, sem inveja e sem ressentimentos contra a masculina, como ocorre até os dias de hoje.

Esta deveria ser uma resposta às perguntas, certamente formuladas por mulheres, e está parecendo ser uma censura aos maçons tradicionalistas. Para bem responder eu não podia recorrer a uma palavra de **três letras apenas**. Uma melhor compreensão do assunto necessitava de um “resumo resumido” do que se encontra em muitos livros de historiadores desapaixonados, isentos de preconceitos, no aspecto histórico da questão. Alguns comentários pessoais meus têm a intenção de oferecer às mulheres a certeza de que a sua causa não é perdida, que existe “uma luz no fim do túnel”, e que mais dias, menos dias, surgirá a oportunidade – se não permanecerem na passividade é claro!

O Homem gosta da Mulher, ama-a até! Por que a Maçonaria masculina não deve gostar de uma Maçonaria feminina!!!?

“É verdade o que dizem da Maçonaria que as pessoas são ajudadas economicamente e socialmente?”

Por que os maçons dizem ajudar as pessoas, mas ao mesmo tempo não admitem pessoas com problemas e se ajudam pode perturbar sempre sua tranqüilidade. De que forma os maçons ajudam as pessoas?”

“Como são ajudados os Irmãos dentro da Maçonaria?”

“De que forma, quais as formas de assistência social à comunidade?”

As perguntas acima têm algo em comum e foram transcritas fielmente dos papéis que me foram entregues.

Para melhor responde-las valho-me da sabedoria do Irmão Nicola Aslan que, em vida, foi um verdadeiro doutor em Maçonaria e escreveu importantes livros sobre ela. No livro “*Uma radiografia da Maçonaria*”, da Editora Aurora, não maçônica e, portanto, ao alcance de qualquer pessoa, ele respondeu a uma indagação encabeçando um capítulo, que transcrevo na íntegra:

“Será a Maçonaria uma Sociedade Filantrópica? Onde quer que tenha sido constituída, a Maçonaria, desde os seus primórdios, tem prestado a maior atenção às obras sociais e de benemerência. Sob a sua égide, grande número de estabelecimentos educacionais, hospitalares, orfanatos, asilos, etc., foram fundados e mantidos por Lojas, Grandes Lojas e Grandes Orientes.

E nada mais natural do que isto, posto que é um dever do maçom trabalhar para diminuir a miséria e o pauperismo que entravam e impedem o desenvolvimento moral e intelectual da humanidade.

Em todas as épocas, ao lado da atividade humana, existiu considerável trabalho e preocupação constante em proporcionar o pão cotidiano àquela parte da humanidade que, por numerosos motivos, não o consegue por seus próprios meios.

As classes mais afortunadas da sociedade sentem que a miséria das classes inferiores pode transformar-se, de repente, em perigo social dos mais graves. Por outro lado, jamais faltaram almas sensíveis e dispostas a dedicar o seu amor e mesmo sacrificar as suas vidas no alívio das dores dos seus semelhantes

A Maçonaria transforma esta predisposição da alma humana, entre os seus adeptos, em obrigação. Assim não pode realizar-se uma reunião maçônica sem que nela não corra o saco de beneficência, o tronco de solidariedade ou outra qualquer denominação que lhe seja dada. Obriga-se também a uma preocupação constante por qualquer obra filantrópica, incentivando-se por todos os meios ao seu dispor.

Uma prova, porém, muito marcante de que a Maçonaria não é uma sociedade filantrópica, é encontrada no seguinte fato histórico. O Senhor de Persigny, célebre ministro do Interior de Napoleão III, tendo considerado a Maçonaria uma associação de beneficência, que a assemelhava às Sociedades de São Vicente de Paula, na circular de 16.10.1861, os representantes das Lojas, protestaram junto ministro nos seguintes termos: 'Há muitos séculos, os nossos antepassados, reuniam-se sob os ritos antigos, não para exercer a caridade, mas para procurar a verdadeira luz... A caridade é a consequência das nossas doutrinas e não a finalidade das nossas reuniões...'

As Maçonarias anglo-saxônicas principalmente, dedicaram-se muito particularmente a tais obras de filantropia para as quais destinam grande parte de seus orçamentos.

De fato, é preciso reconhecer que enquanto a humanidade trilhar p caminho que se traçou desde as suas origens, caminho semeado de egoísmos, ódios e intolerâncias, a filantropia deverá ser o trabalho mais importante da Maçonaria. Mas os maçons conscientes sabem, por outro lado, que a finalidade da Maçonaria não é a filantropia. Segundo os rituais maçônicos, a verdadeira finalidade é o 'desbaste da pedra bruta', trabalho interminável que acompanha o maçom até o seu leito de morte.

Com efeito, a solidariedade humana é, para o maçom, mera consequência das doutrinas maçônicas, como também da compreensão dos deveres dos homens bem nascidos entre si e para com os outros.

A caridade é um favor. A solidariedade, termo que se usa na Maçonaria, é uma obrigação. A finalidade das Lojas não é fazer caridade, é

facilitar aos maçons os meios de pesquisar a Verdade.” (O sublinhamento é meu).

Creio que o texto acima bem responde às perguntas registradas e falar mais seria como “chover no molhado”. Porém, cabem algumas observações pessoais no caso. A Maçonaria inglesa e norte-americana reúnem em seus quadros muitos milhões de membros e estes milhões, por estarem imbuídos do dever da solidariedade, têm contribuído para a fundação, manutenção e desenvolvimento de instituições que, por sua vez têm beneficiado milhões de pessoas que não fazem parte dela. Como disse o Irmão Aslan, isto não é caridade, é obra de solidariedade, própria de todo maçom que verdadeiramente aprendeu a fazer o “desbaste da pedra bruta”.

Para nós, maçons, a “pedra bruta” representa o ser humano em seu estado natural. A pedra, para servir a alguma finalidade, necessita ser desbastada e deve adquirir um formato para servir na obra de construção ou de adorno. Em seu estado natural, bruto, é um entulho sem serventia. Porém, quando trabalhada pode adquirir mil e uma formas para outras tantas utilidades.

Para melhor entender esse simbolismo relato uma parábola, que não sei como nem quando conheci, que serve de ilustração. Certa vez o grande mestre Michelângelo achava-se no pátio de sua oficina de escultura examinando atentamente um grande bloco de pedra; caminhava ao redor dela coçando o queixo e profundamente absorto em pensamento. Chega-se a ele um menino, filho de vizinho, e lhe pergunta: Mestre, é difícil esculpir um anjo nesta pedra? O mestre prontamente responde: não, meu filho, é fácil, basta retirar dela aquilo que não faz parte do anjo! Creio que a poucas pessoas que já viram a célebre escultura, conhecida como **Pietà**, de qual uma cópia está em permanente exibição na Igreja de São Pelegrino, em Caxias do Sul, ocorreu imaginar como era ela antes do escultor aplicar nela o maço e o cinzel. Era um enorme bloco de pedra sem serventia, no entanto essa magnífica obra de arte estava nela, foi necessário apenas retirar da pedra aquilo que não fazia parte da Pietá!

Várias vezes em minha vida estive diante e dentro de fantásticas, maravilhosas, Catedrais Góticas, emocionando-me até as lágrimas ao imaginar que centenas de milhares, quiçá milhões de pedras haviam sido trabalhadas em diversas formas e medidas e depois montadas umas sobre outras, resultando num magnífico Templo dedicado á divindade máxima dos seus construtores.

Da contemplação de tais obras, certamente, alguém intuiu comparar a possibilidade de ao esculpir no seu caráter transforma-lo em uma obra de arte, ou pelo menos em uma peça útil na construção de uma Catedral espiritual para glorificar a obra da Criação. Assim nasceu o símbolo da “pedra bruta”, que a Maçonaria atribui ao homem comum que ainda não encontrou sua verdadeira e útil posição no seio da humanidade. Este homem ingressa na Maçonaria e se torna Aprendiz da arte de desbastar a pedra e a sua primeira tarefa é dar a esta uma forma cúbica, elementar e básica, pois sendo cúbica terá múltiplas serventias na base da Catedral. Desenvolvendo suas habilidades, poderá dar outras formas necessárias à compleição da Catedral; alguns poucos alcançando o ápice da arte, tornam-se capazes de esculpir os Anjos e os Santos que a ornamentam.

Neste simbolismo eu vejo milhões de homens pedras brutas, com diferentes potencialidades a ser, desenvolvidas, desbastadas, lapidadas, polidas, cada uma

necessária à ereção da Catedral Espiritual Universal, majestosa sem fim. Por que Catedral? Porque na Catedral de pedra existe o equilíbrio, a harmonia, a perfeição, a paz, a sentida presença da divindade maior, inspiradora de novas e audazes obras.

Enquanto o símbolo permanece como um ideal, os maçons constroem templos espirituais onde e como podem, com a quantidade de pedras que conseguem reunir e desbastar. O maçom que já transformou a sua pedra bruta em cúbica, é solidário com todos que passam por provações e dificuldades e onde e quanto pode exercita a solidariedade sem fazer alarde. No Brasil, para cada UM maçom existem UM MIL pessoas que não são maçons. O que e quanto esse UM pode fazer em favor dos MIL, em sua maioria carentes em alguma forma? No entanto esse UM, anonimamente pode estar trabalhando pela APAE, Lar da Velhice, Creche, Santa Casa, Orfanato, Escola Gratuita, Centro de reabilitação de drogados, etc., etc.. Por não possuir dinheiro pessoal para doar, doa-se a si próprio, estimula, encoraja, anima os não maçons envolvidos nessas obras de solidariedade, estando à frente ou atrás destes segundo as circunstâncias, sem que estes tenham conhecimento de estarem ombro a ombro com um membro da Maçonaria, qual detestam e temem, eventualmente.

A finalidade das Lojas não é fazer a caridade, é facilitar aos maçons os meios de pesquisar a Verdade, como já foi dito atrás. Porém, é preciso reconhecer que enquanto a humanidade trilhar o caminho que se traçou desde as suas origens, caminho semeado de egoísmos, ódios e intolerâncias, a filantropia deverá ser o trabalho mais importante da Maçonaria. Mas os maçons conscientes sabem, por outro lado, que a finalidade da Maçonaria não é a filantropia. Segundo os rituais maçônicos, a verdadeira finalidade é o “desbaste da pedra bruta”, trabalho interminável que acompanha o maçom até o seu leito de morte!

“Qual o poder que a Maçonaria exerce sobre a sociedade?”

“Qual a relação com a sociedade?”

A Maçonaria visa o poder? Por que?”

Em princípio, é necessário definir que a Maçonaria, como instituição, não exerce nenhum poder sobre a sociedade no seu conjunto. Como instituição, ela não é proprietária e nem controladora de bancos, de empresas industriais, comerciais, agrícolas, ou prestadoras de serviços. Ela é simplesmente alheia a toda e qualquer atividade geradora de bens e riquezas materiais, de modo que os buscadores destes não têm nenhuma dependência do poder que donos dos mesmos, direta ou indiretamente, exercem.

Os detratores da Ordem sempre falam de um “poder oculto” atribuindo a este todas as maldades possíveis e imagináveis, como se este pudesse existir. Este tipo de poder, mesmo visível, conhecido, aberto e escancarado dos seus adversários, não conseguiu subjugar as mentes jamais; vejamos como exemplo as inquisições, o nazismo, o comunismo e outros “ismos” que existiram e tentam sobreviver justificando-se nos continuados ataques ao “poder” representado pela Maçonaria.

Este poder é de natureza intangível e não pode ser atingido fisicamente com a eliminação dos seus seguidores na Maçonaria; ele está na firme convicção de cada maçom que adotou os Princípios Gerais da Instituição e os segue fielmente em sua vida particular e pública. Cada membro da Ordem, conforme sua posição na sociedade, com o seu exemplo pessoal, pode exercer alguma influência, uma partícula desse poder, junto a pessoas bem intencionadas e honestas e leva-las a apoiar causas humanitárias, de benemerência, de solidariedade a carentes de recursos ou de liberdade.

A relação permanente com a sociedade ocorre do papel que cada maçom desempenha em sua comunidade, e isso acontece sem que a Maçonaria seja citada como geradora ou patrocinadora de qualquer iniciativa em favor dos interesses, ou necessidades, dessa comunidade.

Para os que temem o poder da Maçonaria; para os que pensam que ela pouco realiza em favor da sociedade no Brasil, tenho a dizer que para cada MIL habitantes existe apenas UM maçom. Portanto, esses MIL não devem temer o “poder oculto” da Maçonaria e nem esperar que esse UM possa realizar muita coisa em seu favor. Em países do chamado primeiro mundo, num deles a proporção é de UM para 60 habitantes e em outro de UM para 6.000 habitantes, mas o pensar e o agir desse UM é similar em qualquer país onde existem Lojas estabelecidas. Essa unidade de pensamento é a força que tem sustentado a existência e o crescimento, com o estabelecimento de novas Lojas em diferentes localidades.

A Maçonaria, como instituição, não visa o poder representado pelo domínio ou força coercitiva sobre toda ou parte da sociedade, também chamado de Governo, e creio ter sido este o sentido das perguntas. A história da humanidade, pelos milênios afora, é rica em exemplos de que pelo Poder, pela força coercitiva de Governo, jamais se conseguiu impor aos cidadãos qualquer religião ou filosofia como único método de vida. A Maçonaria, se chegasse a ter poder semelhante, não conseguiria impor seus princípios a todos os governados e acabaria sofrendo fracassos e derrotas como as que experimentaram os que tentaram e ainda tentam impor as suas doutrinas.

O único Poder desejável e real é o da convicção, racional, que não é o da fé, de que os Princípios da Maçonaria são válidos, suficientemente sólidos, para o estabelecimento da convivência harmoniosa entre todos os seres humanos. Tal pensamento pode parecer messiânico, e eu diria que é, mas não é utópico se entendemos a natureza do Grande Arquiteto do Universo e o objetivo de Sua criação. Os maçons, consciente ou inconscientemente, são os Seus “pedreiros” que preparam as pedras necessárias à construção da Grande Catedral Universal que, um dia, acolherá toda a humanidade em seu recinto.

O leitor dirá que eu sou um sonhador, que os maçons são sonhadores que desperdiçam a vida em cousas vãs. Novamente, a história revela quantos sonhos inacreditáveis se tornaram realidade trazendo fama imperecível aos sonhadores. Esse sonho poderá necessitar mais dez mil anos para se tornar realidade, mas a delícia de sonhar é irresistível, é convite permanente a sonhar.

“A Maçonaria considera todos como irmãos, mas escolhe seus membros; por que?”

“Tentando procurar a pessoa certa para entra na Maçonaria não acha que pode cometer muitos erros?”

É certo que a Maçonaria considera todos os seres humanos como irmãos, por serem todos originários da mesma fonte criadora e, por serem mais ou menos evoluídos na ordem social não devem, por isso, ser privilegiados ou preteridos em qualquer situação que se encontrem. Todavia, por ser uma organização com fins elevados e de necessitar de homens capazes de levar essa organização adiante, ela escolhe os seus futuros membros. Nas respostas dadas às perguntas: “O que é a Maçonaria” e “Quem pode entrar...” encontram-se considerações ampliadas a respeito.

Quanto ao cometer erros de escolha, devo dizer que isto é possível acontecer, pois ninguém traz no peito um crachá de sua verdadeiras personalidade. Tal erro pode ser corrigido posteriormente por vários meios; porém, não aceitar um novo membro, que reúne os requisitos estabelecidos para a admissão, pode ser um erro irrecuperável! A Ordem é composta de seres humanos que buscam a perfeição e nesse caminho muitos ficam para trás. No dia em que toda a humanidade tiver alcançado a perfeição, a Maçonaria deixará de existir por não ter mais o que realizar.

“Você não acha que a Maçonaria tem muitos preconceitos?”

Acho que ela não tem nenhum preconceito – veja os Princípios Gerais da Instituição! Muitos maçons, porém, os têm. O simples fato do homem ingressar na Ordem não o torna isento de tais sentimentos; livrar-se deles exige tempo e dedicação, trabalho que está exemplificado na explicação da “pedra bruta”, na resposta sobre a “ajuda prestada pela Maçonaria”. Parece-me que o perguntador teve a intenção de falar sobre o preconceito racial, bastante forte aqui no Sul em relação aos portadores de sangue africano. Temos numerosos membros desde o primeiro até o último grau de trabalho. Em outras regiões e situações, existem Lojas com predominância de membros com sangue africano ou asiático. Em Israel existem Lojas que reúnem em seu seio judeus e árabes. A primeira tarefa de quem ingressa na Maçonaria é livrar-se dos preconceitos acumulados em sua vida pretérita.

“Qual o verdadeiro interesse da Maçonaria?”

O perguntador deve conhecer mais de um “interesse” para formular tal indagação. Existe apenas UM e este é verdadeiro: fazer tudo para que os homens aceitem os Princípios Gerais da Instituição e passem a viver de acordo com eles. Faça o exercício de ler esses Princípios, meditando sobre cada um e, depois, procure imaginar como seria a vida na face da Terra, sendo todos cumpridos.

“Em que a Maçonaria pode ajudar o mundo?”

Em parte esta pergunta já foi respondida na questão da “ajuda” ou “assistência social”. A Maçonaria, como instituição, que não possui recursos materiais, é incapaz de realizar tal trabalho. Os seus membros, porém, permanentemente usam o seu prestígio e valor pessoal para realizações que podem ser creditadas a ela. Quem puder, leia a Carta das Nações Unidas, que foi redigida com a participação de ilustres maçons. Também a Carta dos Direitos Humanos, da ONU. A Cruz Vermelha foi fundada por um maçom. A organização, dos Rotarys, dos Lions e várias outras organizações com atuação mundial, foram idealizadas por maçons, para realizarem aquele trabalho externo, visível, que a Maçonaria não pode realizar por sua natureza. Maçons como Roosevelt, Churchill e Truman, lançaram bases da Organização das Nações Unidas e hoje, muitos Irmãos de menor expressão, empenham-se em fazer com que os princípios da ONU sejam aceitos e acatados. Em diversos países não existe nenhuma Loja maçônica e os maçons estão fora da lei, ainda hoje!

“Quais as leis que regem a Maçonaria?”

Em primeiro lugar são as leis vigentes no país onde ela existe, salvo o caso de uma lei proibir a sua existência, quando os maçons ficam na clandestinidade. A constituição de uma Loja, seu registro como entidade civil, e tudo o mais que for necessário à sua existência e funcionamento, obedece as leis civis. Internamente, existe um estatuto, que chamamos de Constituição, que define os deveres e direitos dos seus membros, e das Lojas, uma em relação à outras. Em cada país as Lojas se coligam para formar um Grande Oriente, ou uma Grande Loja, que é presidido por um Grão-Mestre dentro das atribuições fixadas na Constituição. Em países de grande extensão territorial, como os Estados Unidos e o Brasil, um Grande Oriente, ou Grande Loja, tem jurisdição sobre a área de um Estado apenas. Não existe um governo mundial ou internacional, de modo que a Maçonaria de um País, ou de um Estado, não tem subordinação a outro.

“”Como é a hierarquia dentro da Maçonaria?”

A hierarquia não pode ser confundida com o Grau do qual é portador o maçom. A hierarquia é de natureza administrativa apenas. Assim. Cada Loja tem o seu Presidente, dois Vice-presidentes, um Secretário e um Tesoureiro, todos eleitos pelos membros desta, e no exercício de suas funções têm poderes especificados. A nível estadual é eleito um Presidente e um Vice-presidente, igualmente com poderes definidos. Outros cargos e funções são preenchidos por nomeação do Presidente.

A questão dos Graus é habitualmente confundida, por desconhecedores, como sendo de poderes, quando na verdade cada Grau representa um estágio no estudo da Maçonaria. Em todo o mundo, os Graus básicos são três, assim denominados: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Nos dois primeiros acontece o aprendizado e a adaptação do iniciante à Maçonaria; quando se verifica que

houve aproveitamento suficiente e boa adaptação, recebe ele o Grau de Mestre, como sinal de que está apto para assumir os deveres de membro da instituição.

Para continuar respondendo a esta pergunta, encaixo a seguinte:

“Como são feitos os métodos de ensino da Maçonaria?”

Não existe um método definitivo de ensino, como também não existe o cargo ou profissão de Professor, nem currículo definido para os estudos, comparável ao sistema educacional público ou particular. Cada Loja é uma célula autônoma no corpo que chamamos de Maçonaria; os membros dessa célula se dividem em três Graus, ou três estágios de aprendizado. No primeiro estão aqueles que dão os primeiros passos no conhecimento da História, Filosofia e Simbolismo da Maçonaria; no segundo Grau acontece uma expansão desses conhecimentos e no terceiro Grau a sua consolidação, quando o membro adquiriu noções que o tornam auto-suficiente e capaz de participar na formação dos que se acham nos estágios anteriores e, por isso, têm o título de Mestre. A principal forma de ensino baseia-se no diálogo entre os novos e os antigos para atender às necessidades mais imediatas dos primeiros, que são variadas conforme a bagagem cultural que já trazem ao ingressar na Ordem. Em consequência disto, também, é variável a duração de cada estágio. Dentro de uma Loja só existem três Graus, ou estágios, e quem alcança o terceiro pode nele permanecer pelo resto de sua vida.

Tal perspectiva não satisfazia o desejo de progresso contínuo de muitos Irmãos do passado e estes deram origem a novos Graus, denominados Filosóficos, ficando os três primeiros denominados de Simbólicos. No final do Século XIX surgiram as primeiras Lojas Filosóficas, autônomas e separadas da Maçonaria Simbólica e com administração central própria. A condição para ingressar nessas Lojas Filosóficas é de ser membro ativo de uma Loja Simbólica, possuir o Grau de Mestre e o desejo de aprofundar-se no estudo das matérias já estudadas. Nesta Segunda fase, comparável a um curso superior, novamente temos uma série de estágios, numerados como Graus, e dela participam maçons de Lojas Simbólicas de uma cidade, de uma região e, no último, de todo o Estado. Assim, cada número representa apenas o progresso cultural maçônico do seu portador. Erroneamente difundiu-se e permanece o conceito de que a série de Graus representa hierarquia.

Mais modernamente, o estudo e as pesquisas evoluíram tanto que foi fundada a Academia Maçônica Brasileira de Letras, que reúne pesquisadores que escrevem sobre assuntos maçônicos; em alguns Estados já existem academias estaduais com o mesmo propósito. Novos e talentosos escritores estão sendo revelados com o estímulo recebido nessas academias. Com o surgimento de escritores, surge uma imprensa que leva a cultura aos maçons das Lojas mais distantes e interioranas, há bem poucos anos muito carentes neste aspecto. Com isto, o ensino que era feito numa Loja, sob a orientação de Mestres formados no seio da mesma, portanto muito limitado, hoje está entrando numa fase muito favorável para os que têm sede de saber.

“Por que na Maçonaria os componentes são tratados como irmãos?”

A Maçonaria não é uma sociedade hierarquizada; por seus princípios ela é uma fraternidade e como tal não é a única existente. Os seus membros buscam uma convivência como a de irmãos, que compreende harmonia, paz, concórdia, fraternização, em todos os lugares e todo o tempo.

“Quais os privilégios reais dentro da Maçonaria?”

O único privilégio é o de receber o tratamento de Irmão, com todo o intenso e extenso significado que tem este termo. Segundo o dicionário Aurélio, “privilégio é uma vantagem que se concede a alguém com exclusão de outrem...” Tudo que representa algum privilégio contraria os princípios da Ordem.

“O que os massônicos pensam a respeito da juventude de hoje (sic) ?”

Não existe um pensamento unificado a respeito deste tema, pois a juventude jamais pôde ser enquadrada em uma definição genérica. Os jovens, como os adultos, são possuidores de uma individualidade que impede qualquer generalização, como de boa ou má. Como indivíduos, tendem a se agrupar em variadas tendências com diferentes objetivos que, por sua vez, estão subordinados à situação social, política e econômica prevalecente no país onde vivem. Os maçons preocupam-se com o progresso dos jovens e têm suas associações que congregam adolescentes de ambos os sexos, onde desenvolvem os bons sentimentos e pensamentos que irão determinar como serão quando adultos.

“Por que muitas vezes houve-se comentários de que certa pessoa é massônica e de repente essa pessoa simplesmente some. Qual seria a razão (sic) ?”

A pergunta, como está redigida, não oferece fato concreto para receber resposta concreta. O perguntador saberia de alguém que desapareceu por ser maçom ou depois de ter se tornado tal? E se sabe de alguém, esse alguém não teria se mudado para outra localidade? Parece-me que a pergunta tem relação com a acusação comum de que a Maçonaria elimina os que a abandonam. Isto lembra-me que em duas ocasiões em que debatia assuntos maçônicos, me foi perguntado: “é verdade que quando alguém abandona a Maçonaria, morre?” Na primeira vez que isto aconteceu, respondi sem hesitar: “é verdade!”. Após um instante de pausa, para observar a reação do auditório em expectativa, acrescentei: “tanto é verdade que aquele que não abandona também morre”. Assim o risco de morte pesa tanto sobre os infiéis como os fiéis. A eliminação, por morte, não passa de uma das tantas inverdades sempre assacadas contra a Ordem. Quando alguém fizer semelhante insinuação, deve ser imediatamente perguntado: diga quem desapareceu nessas circunstância?

“Que motivos leva uma pessoa a ser excluída da Maçonaria (sic) ?”

Basicamente existe apenas um motivo: o não cumprimento dos seus deveres para com a Ordem. Isto acontece normalmente num processo de auto-exclusão, ou seja, aquele que ingressou apenas por curiosidade, tendo satisfeito esta e não se sentindo com disposição para viver os princípios da Ordem, que

implicam no cumprimento de certos deveres, pede desligamento ou simplesmente afasta-se do convívio. Em casos muito raros ocorre a exclusão por iniciativa da Loja com submetimento a julgamento, quando os deveres essenciais do maçom, de amor à Família, de fidelidade e devotamento à Pátria e obediência à Lei, são descumpridos. Neste caso a exclusão é definitiva; no primeiro caso permanece aberta a possibilidade de retorno.

“Existem fins lucrativos nessa irmandade?”

Definitivamente, não! A Maçonaria não tem empresas próprias nem participa do capital de nenhuma. Do que consegue arrecadar jamais sobra qualquer importância para ser conceituada como lucro, para ser investido em atividade lucrativa.

“Que assunto se discute na Maçonaria?”

Não se discute política de partidos, nem doutrinas de qualquer religião. Todos outros assuntos, segundo as circunstâncias do momento, são discutíveis.

“As reuniões dos grupos são em número limitado? Quantos podem participar desta reunião?”

A participação em reuniões não está subordinada a qualquer número. Nas reuniões “fechadas” participam apenas maçons; nas reuniões “abertas”, por nós denominadas de “brancas” é aceita a presença de qualquer pessoa interessada, segundo a capacidade do Templo.

“Quantos encontros tem por semana?”

Em circunstâncias normais, uma Loja se reúne UMA vez por semana, em dia acordado entre seus membros. Existem Templos onde trabalham até seis Lojas, cada uma ocupando um dia da semana.

“Qual é a mensalidade dos membros da Maçonaria? E como este dinheiro é empregado?”

O valor da mensalidade é variável segundo os compromissos financeiros mensais fixos de uma Loja. Este tipo de arrecadação tem por finalidade cobrir tais despesas. Sendo pequeno o número de membros de uma Loja a mensalidade pode ser maior, como pode ser menor sendo maior o número de membros.

“O que precisa p/montar uma loja maçônica (sic) ?”

O termo certo seria “fundar” e não montar. Numa localidade onde não existe Loja maçônica é necessário reunir um certo número de maçons com o desejo de fundá-la; essa tarefa é bastante difícil e complexa. Em localidade onde existe uma ou mais Lojas, os membros destas podem fundar uma nova.

“É verdade que a Maçonaria tem importância na política do Brasil?”

A Maçonaria, como instituição, teve e tem importância na formação do caráter dos seus membros. As primeiras Lojas no país foram fundadas pouco antes do movimento que resultou na independência nossa de Portugal. Como na época não existiam partidos políticos, essas Lojas como que supriram a falta de um partido e abrigaram em seus quadros todos os que desejavam o Brasil independente. Militares, juizes, jornalistas, comerciantes, funcionários públicos, professores e até padres, tornaram-se membros de Lojas maçônicas, onde o tema principal das discussões e articulações era a Independência, que foi conseguida praticamente sem derramamento de sangue.

Os governos do primeiro e segundo Reinados contaram com grande número de ministros filiados à Maçonaria. Durante o segundo Reinado, muitos maçons de grande renome empenharam-se pela abolição da escravatura e pela instituição do regime republicano, metas que foram alcançadas ao longo dos anos. Existem muitos e extensos livros historiando essas campanhas dos maçons. Conquistada a República, vários maçons ocuparam a Presidência, até que a Revolução de 1930 alterou a marcha da História, quando os maçons que exerciam a atividade política sofreram grave revés e a Ordem, embora não proibida oficialmente, entrou em declínio e manteve-se quase no anonimato, até a eleição presidencial que levou o candidato Jânio Quadros ao poder.

Ele era membro de uma Loja do interior de Mato Grosso, com pouca experiência maçônica e, talvez por isso, lançou-se numa campanha que recebeu grande adesão popular às metas de moralização da vida pública. Nesta foi extremamente agressivo e ofendeu muitos interesses dos que eram os donos do poder e que foram impotentes diante da massa de votos populares dados ao candidato. Anteriormente, como Vereador, Prefeito e Governador de São Paulo, esteve publicamente identificado com a Maçonaria e isto, certamente, reuniu uma forte e decidida oposição aos seus propósitos na Presidência da República, onde a vontade dos eleitores não prevalecia. E deu no que deu. Derrotado e desiludido, afastou-se até da Maçonaria, cuja influência tinha superestimado, e não confidenciou a ninguém sobre as circunstâncias que cercaram a sua renúncia.

A campanha eleitoral de Jânio Quadros, porém, teve o efeito de despertar em muitos maçons o desejo de servir o país no terreno da política. Hoje existem Senadores, Deputados federais e estaduais, Governadores, Prefeitos e Vereadores maçons. Em número reduzido é verdade. Os seus nomes não são conhecidos do público em geral, pois, como já foi visto, a sua identificação com a Maçonaria pode dificultar a eleição ou a reeleição. O importante é que, mesmo sendo poucos, por sua determinação e honestidade, sempre conseguem influenciar algumas decisões onde o interesse público está em questão.

Esses nomes começarão a ser mencionados por futuros historiadores, quando a sua identificação não mais lhes poderá causar empecilhos. Para que o leitor destas linhas possa ter uma visão do passado, relaciono a seguir os nomes extraídos de um volumoso livro, escrito pelo historiador maçônico Nicola Aslan, já falecido, que tem por título: ***“Pequenas biografias de grandes maçons”***. Outros escritores também já escreveram a respeito e muitos outros nomes poderiam ser acrescentados a esta relação.

ABRANTES (Miguel Calmon du Pin e Almeida, Visconde e Marquês de);

ALBUQUERQUE (Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti, Visconde de);
ALVES BRANCO (Marechal Domingos Alves Branco Muniz Barreto);
ANDRADA E SILVA (Conselheiro José Bonifácio de);
ANDRADA MACHADO E SILVA (Dr. Antônio Carlos Ribeiro de);
ANGRA (Almir Elisiário dos Santos, Barão de);
BARBOSA DE OLIVEIRA (Senador, Dr. Rui);
BOCAIUVA (Quintino);
BRITO (Dr. Joaquim Marcelino de);
CAIRU (Bento da Silva Lisboa, 2º Barão de);
CAMAMU (Marechal José Egídio Gordilho de Barbuda, 2º Visconde de);
CAMPOS SALES (Dr. Manoel Ferraz de)
CARAVELAS (Manoel Alves Branco, 2º Visconde de);
CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (General Tomás);
CAXIAS (Luís Alves de Lima e Silva, Barão, Visconde, Conde, Marquês e Duque de);
CERQUEIRA LEITE (Senador Francisco Glicério de);
CORREIA DE OLIVEIRA (Conselheiro João Alfredo);
COSTA (Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça);
CUNHA BARBOSA (Cônego Januário da);
DEODORO DA FONSECA (Marechal Manoel);
ERVAL (Marechal Manoel Luís Osório, Barão, Visconde e Marquês de);
FEIJÓ (Padre Diogo Antônio);
FURTADO (Senador Francisco José);
GAMA (Luís Gonzaga Pinto da);
GOMES (Antônio Carlos);
GONÇALVES DA SILVA (Bento);
HERMES DA FONSECA (Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca);
INHAUMA (Almirante Joaquim José Inácio, Visconde de);
ITABORAI (Joaquim José Rodrigues Torres, Visconde de);
JEQUITINHONHA (Francisco Gê Acaiaba Montezuma, Visconde de);
LABATUT (Marechal Pedro);
LAGES (João Vieira de Carvalho, Barão, Conde e Marquês de);
LEDO (Joaquim Gonçalves);
MACAÉ (José Carlos Pereira de Almeida, 2º Visconde de);
MAGÉ (Marechal José Joaquim de Lima e Silva, Visconde de);
MORAIS BARROS (Dr. Prudente José de);
NABUCO (Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo);
NABUCO DE ARAUJO (José Tomás 2º);
NÓBREGA DE SOUSA COUTINHO (Brigadeiro Luís Pereira da);
OLIVEIRA ALVARES (Marechal Joaquim de);
PARANÁ (Honório Hermeto Carneiro Leão, Visconde e Marquês de);
PEÇANHA (Dr. Nilo);
D. PEDRO I;
D. PEDRO IV DE PORTUGAL (Duque de Bragança);
PEREIRA (Conselheiro José Clemente);
PINHEIRO DE OLIVEIRA (Padre Belchior);
PONTE PEREIRA (Conselheiro Dr. João Fernandes Tavares, Visc. de);
PORTO ALEGRE (Marechal Manoel Marques de Sousa 3º, Barão, Visconde e Conde de);
RAMALHO (Dr. Joaquim Inácio Ramalho, Barão de);
RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do);

RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos, Visconde de);
ROCHA (Conselheiro José Joaquim da);
SALDANHA MARINHO (Senador Joaquim);
SAMPAIO (Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus);
SANTOS (João Caetano dos);
SANTOS BARRETO (Marechal João Paulo dos);
SÃO GONÇALO (Belarmino Ricardo de Siqueira, Barão de);
SAPUCAI (Cândido José de Araújo Viana, Visconde e Marquês de);
SEPETIBA (Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, Visconde de);
SILVEIRA MARTISN (Conselheiro Gaspar);
SODRÉ (General Lauro Sodré e Silva);
URUGUAI (Paulino José Soares de Sousa, Visconde de);
VALADARES (Marechal Dr. Henrique);
VEIGA (Evaristo Ferreira da);
VERGUEIRO (Senador Nicolau Pereira de Campos);
VIEIRA (Conselheiro Luís Antônio Vieira da Silva, Visconde);

Aos nomes acima, sem pesquisar em outros livros e de memória, acrescento os seguintes nomes, que também tiveram destacada atuação política:

AMÉRICO BRASILIENSE DE CAMPOS;
BENJAMIN CONSTANT;
DAVI CANAVBARRO;
EDUARDO WANDENKOLK;
FLORIANO PEIXOTO;
GIUSEPPE GARIBALDI;
BENTO GONÇALVES DA SILVA;
JÚLIO CESAR FERREIRA DE MESQUITA;
MARTINHO PRADO JÚNIOR;
RANGEL PESTANA.

O conhecedor da história do Brasil, anterior ao ano de 1930, pode identificar nas relações acima todos que eram maçons ao assumirem a presidência da República. Creio que todos os citados influíram favoravelmente nos acontecimentos dos quais participaram em seu tempo. Descrever esses acontecimentos não cabe neste pequeno trabalho, porém eles marcaram a nossa história.

“Quem é o Deus da Maçonaria?”

Por não ser a Maçonaria uma Religião, não se pode dizer que ela tem um Deus em particular. Tivesse ela um Deus particularizado estaria em conflito com as grandes religiões do mundo e, provavelmente, teria um número insignificante de seguidores. Tendo por propósito reunir todos os homens sob o seu lema de **Liberdade, Igualdade e Fraternidade**, como condições essenciais para subsistência e progresso dos humanos, não poderia escolher para si nenhuma das concepções pessoais dos seguidores das religiões predominantes na fase de sua estruturação, no início do Século XVIII.

Não tendo um Deus pessoal, todavia, tem um conceito particular da Divindade que permite um perfeito entendimento entre todos que O têm. O Padre

jesuíta Valério Alberton, de Porto Alegre, apresentou à Academia Brasileira de Letras Maçônicas, em 21 de março de 1981, uma tese intitulada **“O conceito de Deus na Maçonaria”**, que recebeu aprovação da Academia e depois foi publicada em livro de 250 páginas. Outros escritores católicos, protestantes, maçons, igualmente dedicaram-se a escrever sobre o assunto. Assim sendo, a pergunta não pode ser respondida plenamente no espaço que temos aqui.

O Padre Alberto procurou fazer uma síntese do seu trabalho dizendo:

“1 – Na história do conceito de Deus na Maçonaria, podem distinguir-se três períodos bem característicos, ou mais precisamente, dois períodos, sendo o segundo, por sua vez, subdividido em dois outros. Os dois períodos são os que correspondem aos clássicos da História Geral da Instituição: o Operativo e o Especulativo, isto é antes e depois de 1723. O segundo, o Especulativo, por sua vez se subdivide em dois outros: antes e depois de 1887.

2 – No período Operativo, o conceito de Deus é, inquestionavelmente, Trinário e, mesmo Mariano e agiográfico. Todos os documentos da época, os assim denominados “Old Charges” (antigos deveres) registram-no invariavelmente: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e, em geral, acrescentam, de Nossa Senhora e dos Santos (daí a contestação dos dissidentes da primeira Grande Loja da Inglaterra, censurando-a por ter ignorado os dias santos, além de omitir-se com relação às orações e ter descristianizado os rituais); é o conceito ensinado pela Igreja Católica. Não é de se admirar, já que a Maçonaria daqueles tempos era toda católica porque constituída pelas corporações de ofícios que viviam à sombra da Igreja.

3 – Até 1723 – ano da promulgação das Constituições de Anderson – não houve, por conseguinte, divergência alguma quanto ao conceito de Deus na Ordem. A divergência começa com o emprego da expressão Grande Arquiteto do Universo e, sobretudo, com a interpretação, teística ou deisticamente, do primeiro artigo das referidas Constituições.

4 – De fato, no período Especulativo, estas Constituições empregam, pela primeira vez em documentos oficiais, a expressão ou invocação Grande Arquiteto do Universo, depois A.G.D.G.A.D.U., etc.. Esta expressão não se encontra uma única vez nos Old Charges, ao menos nos que examinei e que se acham registrados neste ensaio. Mas era muito empregada pela Igreja e se encontra, p.ex., nas catedrais medievais, também com a variante Grande Arquiteto da Igreja, aplicada a Cristo, bem como em ilustrações de Bíblias do Século XIV e seguintes.

5 – Que na mente de Anderson e Desaguliers, bem como dos 24 legisladores de 1723, o G.A.D.U. é o Deus Antigo Testamenteiro, não há dúvida, porque a primeira parte delas, a histórica, embora muito fantasista, começa definindo este conceito: ‘Adão, nosso primeiro Pai, criado à imagem de Deus, o Grande Arquiteto do Universo...’ e toda esta primeira parte está profundamente impregnada do Antigo Testamento.

6 – A interpretação teística é, pois, autêntica, conclusão que se chega pelo exame intrínseco do espírito e da letra das Constituições, confirmado, inúmeras vezes, pelas Grandes Lojas Unidas da Inglaterra, da Irlanda e da Escócia, que não registram retrocesso no seu liberalismo, em suas diversas alterações das Constituições e Pronunciamentos posteriores, mas um verdadeiro progresso, bem de acordo com as últimas conquistas, neste terreno, do estudo da História Comparada das Religiões e de suas

disciplinas derivadas, sobretudo da Fenomenologia Religiosa, cuja conclusão é de que o monoteísmo vem a ser a forma mais elevada das civilizações mais avançadas.

7 – A interpretação deísta, que se acentua depois de 1815 com a nova alteração das Constituições de Anderson, atinge seu auge em 1865 e seu desfecho oficial em 1877..."

Interrompo aqui a transcrição da palavra do Padre Alberton, no ponto em que ele situa na História a grande virada na interpretação da palavra Deus pela Maçonaria.

Teísmo e Deísmo, dois termos que confundem qualquer pessoa não muito familiarizada com questões de religião; ainda mais, por serem tão semelhantes na sua grafia confundem-nos quando temos de definir qual é qual. Sem entrar em considerações filosóficas longas sobre o seu significado, vejamos o que diz o dicionário do Aurélio:

*“**Teísmo** – doutrina que admite a existência de um Deus pessoal, causa do mundo”;*

*“**Deísmo** – sistema ou atitude dos que rejeitando toda espécie de revelação divina, e portanto a autoridade de qualquer Igreja, aceitam todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, que poderá ou não haver influído na criação do Universo.”*

Para memorizar e não esquecer mais estas duas definições, recomendo ligar **Teísmo**, crença num Deus pessoal, com o seu oposto, antônimo, **Ateísmo**. **Teísmo x Ateísmo**. Quando um desses termos, ou ambos aparecerem para ti, usando a fórmula dos antônimos saberás o seu significado; o **Deísmo** não tem antônimo.

As três grandes Religiões, ou principais, são monoteístas e teístas; o Cristianismo tem Deus, o Judaísmo tem Jeová e o Maometismo tem Alá. São três conceitos que têm se hostilizado reciprocamente desde que adquiriram existência e têm causado grandes tragédias para toda a humanidade. Em essência, os três são idênticos e pregam a mesma coisa, porém não conseguem amar os seguidores das outras e, ainda, hostilizam-se em seu próprio seio, pois se subdividem em correntes particulares e numerosas.

Por causa dessa separação, muito antes de a Maçonaria se estruturar para a sua forma atual, muitos homens eruditos em sua época, passaram a rejeitar em qualquer Igreja a autoridade de definir que atitudes ou procedimentos alguém deve obedecer em matéria de fé. Foram os primeiros **Deístas**, e por sofrerem perseguições buscaram refúgio na Maçonaria, já então muito liberal nesta questão, onde podiam discutir o seu pensamento livremente e onde ganharam adeptos para a sua tese.

Não sendo possível harmonizar os conceitos de Deus, Jeová e Alá, criou-se um novo conceito, de Grande Arquiteto do Universo, que encerra todos e torna possível o entendimento e a convivência entre os seguidores dos três nomes. Até aqui estamos concluindo que o Deus da Maçonaria seria o Grande Arquiteto do Universo, se ela O tivesse.

A Maçonaria mundial trabalha em suas Lojas em diferentes Ritos, que estabelecem as regras e cerimônias na realização dos trabalhos dos maçons quando reunidos em sessão. Existem muitos Ritos, uns são deístas, outros são teístas e outros agnósticos. Surpresa!? Pode ser que sim, pois todos os adversários invariavelmente falam que a Maçonaria é uma religião herética com finalidade de desviar, roubar adeptos das demais.; etc., etc.. mas ninguém fala da existência de Ritos agnósticos em seu seio. O que é o **agnosticismo**? No dicionário do Aurélio é dito: *“Doutrina que ensina a existência de uma ordem de realidade incognoscível.”* *“Posição metodológica pela qual só se aceita como objetivamente verdadeira uma proposição que tenha evidência lógica satisfatória.”*

Os primeiros maçons eram teístas; depois foram aceitos todos os deístas e foram estabelecidos os Princípios Gerais da Instituição. Pela universalidade desses princípios é determinado ***“que os maçons estendam e liberalizem os laços fraternais, que os unem, a todos os homens esparsos pela superfície da Terra... quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades ou crenças.”*** Ora, na superfície da Terra existem milhões de homens que não se enquadram no teísmo ou no deísmo, e nem por isso podem ser marginalizados e excluídos. Houve demora, resistência ferrenha mesmo entre os maçons das duas primeiras correntes. Venceram os que acreditavam que todos os que aceitam os Princípios Gerais da Instituição podem e devem participar em pé de igualdade na Ordem e, para acomodar as diferenças, foi criado na França o primeiro Rito agnóstico, no qual ninguém sente-se constrangido por não aceitar Deus, Jeová ou Alá.

O mundo está cansado de ler ou ouvir declarações oficiais e oficiosas afirmando que a Maçonaria não é uma Religião, mas ninguém presta a devida atenção a isto. **A Maçonaria não tem um Deus! Não é uma Religião!**

Os maçons, porém, como pessoas, são **teístas, deístas** ou **agnósticos**, todos empenhados em divulgar um método de vida como o preconizado nos Princípios Gerais da Instituição. Quem tem medo da Maçonaria não leu esses Princípios ou é contra eles!

“As pessoas do grupo tendo diferentes religiões não criam conflito de idéias entre si?”

Quem leu a resposta sobre o **Deus da Maçonaria** sabe que não existe a menor possibilidade de acontecer qualquer conflito no campo das relações pessoais sobre religião. Na Maçonaria não existe nenhuma prática de culto ou adoração que possa, de forma mais leve imaginável, ferir a consciência do praticante de qualquer religião e muito menos o de um adepto apenas formal desta.

Nas últimas décadas tivemos grandes conflitos armados – guerras – entre os seguidores de **Jeová** e os seguidores de **Alá**; ambos os lados usaram armas adquiridas principalmente dos seguidores de **Deus**. Isto envolve judeus, muçulmanos e cristãos! Lamentavelmente os líderes dessas facções não eram e não são maçons, pois na Maçonaria não acontecem tais conflitos. Para melhor entender isto transcrevo (a tradução é minha) um trecho de uma notícia transmitida por um correspondente de uma revista maçônica, de língua inglesa, em Israel:

“A Grande Loja do Estado de Israel tem feito e está fazendo, embora pouco conhecido, trabalho de promover entendimento humano entre árabes

e judeus nesta parte atormentada do mundo. Os dirigentes da Grande Loja determinaram a existência de três altares para o Livro Sagrado, nos Templos das suas Lojas: um para a Bíblia Hebraica (Tanach), outro para a Bíblia Cristã, e o terceiro para o Corão.

Os símbolos das três grandes Religiões figuram no Brasão da Grande Loja de Israel: a cruz cristã, o escudo de Davi judeu e a lua crescente muçulmana, todos envoltos pelo Esquadro e o Compasso. Temos diversas Lojas trabalhando em idioma árabe e reuniões conjuntas de Lojas de idioma hebreu e árabe são freqüentes

“Há pouco aconteceu uma reunião conjunta entre a Loja Fraternidade Nº 62, da cidade de Tel Aviv, composta quase exclusivamente de Irmãos judeus (de países de língua espanhola), e a Loja Nazaré Nº 70, de Nazaré, que é composta de dois terços de cristãos e um terço de Irmãos muçulmanos pertencentes à comunidade árabe-israelense e que trabalha no idioma árabe; a reunião foi seguida por noitada social com a participação das senhoras de ambas as Lojas, tendo marcante sucesso. Após esta experiência, o Venerável Mestre (presidente), Irmão Juan Goldwasser, lançou um programa de visitação domiciliar mútua entre os Irmãos de ambas as Lojas, que está ajudando forjar novos laços de entendimento e cooperação entre os membros de ambas as comunidades.”

Em Israel, uma das áreas mais tumultuadas no mundo, acontece como em nenhum outro lugar, a participação de cristãos, judeus e muçulmanos nas Lojas maçônicas, que trabalham nos seguintes idiomas: alemão, espanhol, francês, hebreu, inglês, romeno e turco. Como em nenhum outro lugar, ali existe verdadeiramente uma unidade na diversidade, unidade que é proporcionada, ou melhor dito, resultante da adesão dos homens de quaisquer raças e idiomas à Maçonaria. Num Templo maçônico acontece todos os dias o que não acontece numa igreja, numa sinagoga ou numa mesquita: o reconhecimento fraterno e igualitário de todos os que a ela acorrem!

“Qual a religião que predomina entre os maçons?”

Não conheço a existência de qualquer pesquisa, feita em qualquer parte do mundo, com o objetivo de verificar isto. Quando o cidadão está por ingressar na Maçonaria lhe é feita apenas uma pergunta nesse sentido, e ela é feita assim: “Credes num Ente Supremo?”. Uma resposta afirmativa é suficiente para dar-lhe a oportunidade de iniciar uma nova vida no seio da Maçonaria.

Pela vivência e observação pessoal, no âmbito do Rio Grande do Sul, posso dizer com mínima possibilidade de erros que é a Católica, tantos Irmãos, até de avançada idade, tenho visto cumprirem devotadamente as regras de culto da Igreja.

“As pessoas que participam da Maçonaria são batizadas e adotam outro nome?”

O Batismo é praticado pelas religiões cristãs. Na Maçonaria, que não é uma religião, não existe tal prática. A adoção de um novo nome é uma prática em

desuso, onde não mais existe o perigo de ser identificado o homem como maçom. Em tempos idos, quando o maçom não raro tinha de enfrentar a morte por causa de sua convicção, tinha um novo nome conhecido apenas no seio de sua Loja e este figurava nas atas e registros internos; quando estes eram apreendidos por autoridade tirânica esta tinha dificuldade para identificar o “herege, ou fora da lei”.

“Existem rituais com sangue?”

Absolutamente não! O sangue é sinônimo de vida e este é o bem mais precioso do ser humano. Pelo respeito à vida, os maçons estão entre os maiores doadores de sangue, doação que fazem anonimamente, conhecendo ou não o necessitado ou destinatário do sangue doado.

“Qual a vestimenta dos massônicos (sic)?”

Desde os primórdios o traje dos maçons tem sido o socialmente aceito para reuniões sérias, acompanhando a moda dos últimos séculos. Eu diria que é o “traje de Missa”, pois o maçom comparece às reuniões com o mesmo espírito de reverência dos que vão aos seus Templos religiosos. Sobre esse traje, durante as reuniões, o maçom sempre usa um avental, que é o símbolo do trabalho, um dever social do homem.

“Qualquer pessoa pode mostrar uma loja maçônica?”

Qualquer pessoa com interesse legítimo, pode solicitar do Venerável Mestre (o Presidente da Loja) permissão para ver o Templo onde a Loja tem suas reuniões. Ele próprio, ou pessoa por ele designada, acompanhará o interessado nessa visita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Quando me propus responder por escrito a todas essas perguntas não imaginava o resultado do trabalho. Estou contente com ele, nele aparecem as minhas opiniões pessoais quando não transcrevo as de outros escritores. Hoje termino de coloca-lo no meu computador, de onde posso envia-lo a qualquer pessoa que esteja conectada à Internet. Estou na véspera do meu 80º aniversário e estou lembrando o dia do meu ingresso na Maçonaria em 1958, quando a Maçonaria era um grande mistério para mim e tinha grande ansiedade por conhece-la. Tive de buscar o conhecimento por mim mesmo, até as fontes do conhecimento tive de encontrar, pois não as havia em minha Loja de então. Éramos poucos e todos ignorantes. Um cego guiava outros cegos! Não sei como superei tanta falta de objetividade em nossas reuniões. Foram muitos os que desapareceram após o seu ingresso devido a essa falta de compreensão da Maçonaria. Eram duas pequenas Lojas então e estas tinham juntar-se sempre que havia uma cerimônia de recepção de novos obreiros. De vagar encontrei outros sequiosos por conhecimento e juntos conseguimos trazer para Loja o que ela não tinha: o conhecimento do que é a Maçonaria. Não podia nem em sonho imaginar o desenvolvimento alcançado hoje, mas ele chegou na cidade e na região. Não estou contente ainda! Muitos entre nós ainda não somos capazes de responder a perguntas feitas por profanos e, para ocultar sua ignorância, respondem dizendo: **isto não posso responder**. Quem ouve a resposta logo pensa que o **não posso** encerra algum mistério, aumentando a desconfiança e a impressão de que nós temos algo ilícito e condenável a ocultar. Eu sempre fui franco e leal. Não *podendo* responder digo: isto eu não sei, porém se é importante para você irei buscar a resposta onde ela estiver. Espero que este trabalho ajude a profanos e maçons na divulgação correta da finalidade da nossa Ordem. Que tenhamos cada vez menos gente suspeitando de nós.

Caxias do Sul, 25 de outubro de 2004

Roberto Schukste – Mestre maçom
Caixa Postal 215 – 95001-970 Caxias do Sul, RS

E-mail: schukste@brturbo.com.br

